



**Rino Bonvini**

Padre e médico psiquiatra

# A fotossíntese emocional de um missionário com raízes que passam o mundo e sua gente

A vida de um missionário não é certa. De certo, apenas seu objetivo. São muitas pessoas ao longo do caminho, muitos lugares para percorrer, e a cada mudança é necessário que ele se desenraíze, para que possa enraizar-se novamente em outro canto. Por sorte, há quem possua essa predisposição. Um exemplo desses missionários – meio homem, meio vento –, levado onde dele precisem, é o próximo personagem da nossa Revista.

Em tons vibrantes, a vida de Rino Bonvini se apresenta. O coração e as lembranças abrem-se para nós; já o abraço é apertado, dizem até que cura. Com gestos carregados, típicos de um bom italiano, ele pontua as histórias que vão do interior da Itália às tribos indígenas do Equador.

O desejo de ajudar os outros veio cedo, bem antes do seminário e da vida eclesial. Ainda na infância, deparou-se com a discriminação em sua experiência como migrante na comuna de Limbiate, ao norte de Milão. As desigualdades sócio-políticas permeavam uma Europa que tentava se recuperar das marcas deixadas pela Segunda Guerra Mundial. Foi quando Rino passou a se “sensibilizar com a dor” do outro.

A natureza, nesse meio, era figura constante. Em Senago, sua cidade natal, ele aprendeu sobre o contato com as plantas, os animais e a vida que o cerca, mas foi em Limbiate que desenvolveu seu viés crítico, “guerreiro”, quando conheceu os ideais defendidos pelos índios Lakota Sioux, mesmo que só na teoria.

Rino cresceu, suas questões com a sociedade também. O adolescente que questionava as estruturas de um país marcado pelo catolicismo conservador hoje persiste no padre que busca a igualdade, o bem estar entre as pessoas e o mundo.

Uma experiência como motorista de ambulância o guiou para a Medicina, e, pegando carona para a aula, conheceu a congregação dos missionários combonianos, da qual tornou-se parte. Desde então, viveu no Equador, em Uganda, nos Estados Unidos, na Itália e no Brasil.

Entre os lugares onde morou, deparou-se com diferentes culturas, religiões, com o medo da morte. Encontrou também amigos que traz consigo até hoje, bem como uma nova família. Dizer que Rino é um índio branco não denota apenas seu amor por esse povo, é literal. Durante o mestrado em Teologia, realizado nos Estados Unidos, o padre foi adotado pela tribo Lakota, à qual pertence em espírito e afeto.

O traço indígena, que permeou sua vida, também é visto no local da entrevista. Cercada por verde, a palhoça do Movimento de Saúde Mental, desenvolvido pelo padre no Bom Jardim, promove atividades socioeducativas para a população do bairro, além de tratamentos que envolvem suas dimensões psíquicas e espirituais.

As relações nutridas por Rino mostram que as raízes criadas onde passa não são cortadas quando vai embora. O feito de ser denota um pouco do sal e da terra que ele leva dos lugares onde esteve.

Na fala fica claro o amor pelo que faz. Nas impressões, sejam as nossas ou as das páginas que se seguem, estão marcadas histórias de amor e de fé. Uma espécie de “fotossíntese emocional”, que não só é vista a olho nu, mas sentida pelos que com ele convivem. Desde 1996, Rino adotou o Bom Jardim como morada. Italiano de berço, cearense de coração. Contudo, não é preciso ir longe para ver que suas raízes não se limitam ao bairro. Mesmo fincadas em Fortaleza, elas percorrem o mundo.

**Equipe de Produção:**  
Angélica Ferreira  
Ester Coelho  
Rafaela Leite

**Entrevistadores:**  
Angélica Ferreira  
Caroline Rocha  
David Nogueira  
Eliane Ferreira  
Ester Coelho  
João Duarte  
Kamyla Galdino  
Myke Guilherme  
Pedro Silva  
Rafaela Leite  
Wanderson Trindade

**Texto de abertura:**  
Rafaela Leite

**Fotografia:**  
Italo Leite



**Entrevista com Ottorino Bonvini em 19 de maio de 2018.**

**Ester** – Padre, a gente sabe que o senhor é brasileiro de coração, mas nasceu na Itália. A gente queria que o senhor começasse falando pra gente como foi a sua infância na sua cidade natal.

**Rino** – Certo. Então, eu nasci em uma família católica. Então eu fui educado dentro da religião católica, dos valores, dos princípios, né. E o meu pai e a minha mãe são duas pessoas que me ensinaram os valores éticos também da honestidade e foram os meus grandes mestres. Por exemplo, a minha infância é caracterizada pela visita frequente aos avós que moravam no interior. Então esta dimensão marcou profundamente a minha vida por dois motivos. Primeiro, o contato com a natureza. Eu adorava brincar no rio, na mata, caçar, pescar, buscar cogumelos, frutas, roubar verduras na horta do avô, dos tios e tal. Então isso foi fundamental porque marcou profundamente a minha essência. Eu me identifiquei com esse contato com a natureza. E é um espaço de regeneração, é um espaço de encontro com o mistério da vida. Eu passava horas observando formigas, buscando ninhos de pássaros para ver os ovinhos e depois ver quando quebravam os ovinhos e depois ver quando os passarinhos cresciam e depois quando começavam a voar. Aí aprendi o ciclo, né, da vida. A circularidade da vida que começa, permanece e termina. Então, esta dimensão da natureza foi fundamental. O segundo ponto é que a minha infância, eu nasci em 1958, então os anos 60, na Itália, eram uma época de bastante animação. O 68 foi um ano histórico na Europa, com lutas, encontros, revoluções e tal. Mas eu lembro, né, naquela fase da infância, as pessoas contando das histórias da guerra. O meu avô, que foi condecorado, era um guerreiro mesmo. Ferido duas vezes na Primeira Guerra Mundial, fazia parte de um exército chamado Bersaglieri, que é um corpo de assalto que acabei depois entrando também. Ele, meu pai e eu fazemos parte desta tradição militar de um corpo de assaltantes\*, daqueles que abrem o caminho para os outros. E aí ele transmitiu essa dimensão do guerreiro, da força, da coragem, da ousadia. Então, a outra dimensão foi aquela da compaixão, da misericórdia. Porque a gente ficava escutando histórias

dolorosas, né. Histórias de combate, de feridos, de mortos. Mas também, uma Segunda Guerra Mundial (entre 1939 e 1945, envolvendo as principais potências econômicas e militares do globo), que é aquela que atacou mais a infância da minha mãe e do meu pai. Eles contavam histórias de fome, histórias de órfãos, história de bombardeio, história de alemães invadindo as casas, batendo, matando, fascistas torturando as pessoas, né. Então, nasceu em mim uma dimensão também crítica em relação a tudo o que é política autoritária, que é política que não deixa o espaço para a expressão da voz do povo popular. Meu avô era um guerreiro, era um socialista. Por causa disso, ele foi perseguido durante o tempo do fascismo. Ele não tinha acesso a um trabalho como os outros, pela questão que ele se posicionou de forma clara contra esta ditadura que estava emanando pessoas a morrer sem motivo nenhum (o regime ditatorial fascista do primeiro-ministro italiano Benito Mussolini foi instaurado em de 1922, após a Primeira Guerra Mundial, e mantido até 1943, como reação às lutas dos sindicatos de trabalhadores de ideologia socialista). Então, estas dimensões, a questão da natureza e a questão de se sensibilizar com a dor da tragédia humana, né. Nesta tradição católica, quando a gente é do interior, a gente passava a noite ao redor da fogueira, eram contos, eram histórias também da família. E também tinha a tradição de rezar, rezar junto. Especialmente em determinados momentos do ano, tinha a história do terço, da reza. Então eu cresci nesse ambiente muito saudável. Eu lembro de minha infância com uma grande alegria. Me sinto abençoado por ter tido uma infância assim. Uma infância muito linda. Aí, este período da infância e depois entrando na adolescência, continuei com a frequência do ambiente oratório, que o oratório é uma estrutura da Igreja Católica onde as crianças e jovens se encontram nos finais de semana, seja pela questão da catequese, seja também para brincar, para aprender, para ter experiências de socialização. Ir para a montanha esquiar, ir para o açude nadar. Então, digamos, uma pedagogia comunitária. Eu sempre fui um bicho comunitário. Me senti sempre muito bem no grupo, na equipe, na cooperação,

A entrevista aconteceu no mesmo dia do casamento real de Príncipe Harry e Meghan Markle.

Quando a entrevista estava começando, uma mulher chegou para dizer que no final voltaria para organizar as cadeiras.

\*Assaltantes refere-se a uma tropa específica do exército italiano.

Myke comeu uma banana durante a entrevista.

na colaboração. E eu tinha esse espírito que talvez ganhei pela minha mãe, que é uma pessoa muito prestativa. Então eu sempre me dei bem porque quando estou presente em um grupo, sempre participo, sempre contribuindo da forma que posso, com uma certa generosidade.

**Rafaela** – Padre, o senhor tem uma irmã seis anos mais velha, a Beatrice. Como era a sua relação com ela?

**Rino** – Com a Beatrice, ela era mais velha seis anos, então ela, de vez em quando, se dava ao trabalho de ter que mandar em mim e eu não era muito disponível a ser mandado por ela. Então tínhamos um relacionamento, às vezes, um pouco, assim, de contraste. Mas basicamente eram seis anos de diferença. Então depois da infância a gente realmente se afastou. Porque ela, como adolescente, começou a fazer outras coisas e eu era ainda criança. Então ela

entrou em um ciclo, digamos, mais adulto. Ela terminou os estudos, depois casou relativamente nova, tinha 21 anos. Então foi um relacionamento de irmãos. Pronto. Não foi um relacionamento de irmãos-amigos, mas foi um relacionamento de irmãos. Isso pela diferença de idade e pela questão que ela torcia mais pelos meus pais. Era mais obediente, era mais atenta ao que os meus pais queriam. Ela ficava mais seguindo as indicações. E eu sempre tentando quebrar, pular redes, fazer as minhas coisas do meu jeito. Fui mais rebelde, mais autônomo, independente. Minha irmã, não. Ela seguia mais. Às vezes nós tínhamos contraste por causa disso. Por exemplo, eu queria ficar em casa no final de semana para ir brincar de futebol. Aí tinha que visitar num sei quem, aí eu dizia: “Eu não vou porque vou jogar futebol”. Aí a minha irmã começava a condicionar para que eu fosse e tal, porque, “se você não vai,



Quando o Padre era professor da UFC, sua disciplina era conhecida por sempre encerrar com uma macarronada bem italiana.

então eu não vou também”. Aí, no lugar de se colocar comigo para obter os nossos direitos, se colocava na parte dos pais e dizia: “Ah, se você deixar ele ir, então não é justo”. Tá entendendo?

**Angélica** – O senhor contou que fez aulas de música e sempre gostou de cantar desde pequeno. Como que começou essa sua relação com a música?

**Rino** – Ah, certo. Mas deixa primeiro eu terminar a questão de como eu aprendi a escutar as pessoas. Que eu estava falando da minha infância, dos exemplos dos meus pais. A minha mãe, ela é uma pessoa do lar. Ficava em casa fazendo as tarefas de casa e também fazia uns trabalhozinhos em casa para ganhar um extra e tal. Então vinha pessoas idosas visitar a minha mãe. E ela passa horas escutando essas pessoas que vinham e contavam histórias. Aí ela oferecia café. Eu admirava a paciência dela porque às vezes é um saco, né. Sempre a mesma coisa, sempre pessoas meio assim, sabe, chatas um pouquinho. Aí eu acho que aprendi a escutar as pessoas com esse modelo da minha mãe, tá entendendo. Que era muito disponível, muito acolhedora, muito gentil. E com o meu pai, na infância, o valor do trabalho. Porque meu pai, além de trabalhar como chefe em uma firma de transporte, ele também tinha a horta. Então, quando ele voltava do trabalho, ia para a horta ou ia para o subsolo, onde fazia trabalhos de artesanato, um reparo, um conserto. Então, ele sempre tinha alguma coisa para fazer. E eu aprendi um bocado de coisa com ele. A mecânica da bicicleta, por exemplo. Eu conseguia ajeitar a minha bicicleta sem precisar de mecânico. Aprendi a como consertar algumas coisas. Ele gostava muito da horta, então a gente conservava também verduras e frutas. Tinha toda uma cultura transmitida através desses exemplos, né. E a história da música, para responder esta outra pergunta, começou aos meus seis anos de idade. Porque eu cantava muito bem, tinha uma voz muito bonita. Então, no trem, quando a gente ia visitar os avós, eu cantava e o pessoal ficava ouvindo, batendo palmas, porque eu cantava as músicas da moda, tá entendendo. Eu era uma criança que, com três, quatro anos, já cantava. Então o meu pai, talvez vendo este dom, ele incentivou para que eu cultivasse o dom da música. Aos seis anos de idade, comecei a estudar piano. Só que eu não gostava de piano. Eu gostava era de violão, tá entendendo? Mas eu tive que ir (estudar piano) porque meu pai queria que eu fosse aprender piano. Talvez alguém falou pra ele o efeito Mozart, né, falou que, de repente, aprendendo a estudar música, a

pessoa desenvolvia a inteligência múltipla, né. Não sei se ele disse, mas ele incentivou, com certeza, sabendo que iria fazer bem a mim. Apesar de ser chata a aula, porque era uma senhorinha bem idosinha, bem tradicional, tinha que aprender aquelas músicas de igreja, aquelas coisas, eu queria era tocar música moderna. Mas foi muito importante esta fase porque também o piano é disciplina, né. Mas, logo que eu pude, com os dez anos, eu comprei um violãozinho com as minhas gorjetinhas que eu acumulava com os avós, com os tios, e aí comecei a tocar violão. E aí aprendi sozinho, de ouvido. Que seria aquele método japonês, que eu não sabia que existia. Mas tem um método japonês que você aprende só. Alguém sabe como que chama?

**Wanderson** – Suzuki.

**Rino** – Tu aprendeu também? (risos)

**Wanderson** – Não.

**Rino** – Eu depois descobri que existe esse método susuki que a pessoa aprende de ouvido e depois vai se encontrando com a partitura, a teoria musical, né. E aí eu aprendi a diferença entre aquilo que é dedutivo, ou seja, aquilo que vem de cima pra baixo, que é transmitido por uma autoridade que sabe a quem não sabe, ao processo indutivo, que parte da realidade e se aproxima daquilo que tem que ser aprendido por outro caminho, que é o caminho da aprendizagem, da experiência, do erro, da paciência, da perseverança, e você chega ao mesmo canto, né. Aí, com o violão, foi um instrumento também de socialização muito grande porque adolescente que toca violão tem um certo sucesso com as meninas. Não sei se aqui é assim, mas lá era. Aí a gente ficava mais popular, cantava em banda, e até o ensino médio continuei frequentando igreja, então cantava na igreja, tocava na igreja. Então foi um instrumento importante, seja para o meu desenvolvimento psíquico, seja para o meu desenvolvimento social com a comunidade, as pessoas. Até hoje eu toco. Gosto de tocar, de cantar.

**Ester** – Padre, o senhor falou que tocava na igreja, que a sua família era católica, participava, né. Como era a sua relação com a igreja na infância?

**Rino** – A igreja na infância e na adolescência foi muito boa porque tinha um padre que chegou e abriu a mente de todos os adolescentes porque era um padre moderno, era um padre garotão, como se diz aqui (no Brasil), que organizou uma série de atividades muito lúdicas, muito alegre, muito simpáticas. Então era um fermento, era uma vivacidade, era uma alegria participar deste grupo. E esta relação positiva com a

A equipe de produção não levou água para o entrevistado. Ele falou por mais de duas horas sem beber nada.

Após a pré-entrevista, que terminou perto de meio-dia, Rino disse para que, da próxima vez, a equipe ficasse para o almoço. A turma criou muitas expectativas sobre a possibilidade de uma refeição após a entrevista, mas isso não aconteceu.

Assim que a turma chegou, várias crianças estavam brincando no local em que seria a entrevista. Foi só o Padre Rino abrir a porta que correram para abraçá-lo.

---

“Missionário é um bicho assim, estranho, porque ele se desenraiza de um canto e tem que se enraizar no outro. Quando você faz o desenraizamento de uma planta de um canto para outro, por um tempo a planta fica meio abalada porque tem que se enraizar de novo”

---



igreja terminou exatamente quando este padre foi chamado pelo bispo, ele realmente era muito especial e foi chamado para ser secretário do bispo. E veio outro conservador, quadrado, daqueles que tudo é pecado. Ele tinha outro estilo de vida e todo mundo se afastou, né. E neste afastamento eu trilhei outros caminhos. Então, até a adolescência, o meu meio de desenvolvimento foi o meio católico. Depois da adolescência, por causa desse encontro que não foi favorável, não só pra mim, mas para toda a turma da minha geração. Isso gerou um impacto tão negativo porque naquela época também chegou outro problema gravíssimo, que era a droga. Então vários companheiros meus enveredaram por este caminho e acabaram morrendo ou ficando doentes e se comprometendo em termos de qualidade de vida. E o que me salvou nesta época foi, sempre com grande paixão pela natureza, foi aprender a esquiar. Nos finais de semana tinha um clube lá na minha cidade e aí os meus pais me ajudaram financeiramente a comprar equipamento e tudo, aí comecei a esquiar. Então, foi no contato com a natureza nos finais de semana, esquiando e tal que não enveredei por outros caminhos

Quando foi nos conhecer, o Padre não deu apenas um aperto de mão: todos receberam um abraço.

mais perigosos. Então foi uma experiência muito importante para mim. Depois participei de competições, me empolguei, ganhei uns troféus e tal. Quase quebrei as pernas também.

**Renan** – Qual era a modalidade, Padre? (Renan é mestrando da UFC e pediu para acompanhar a entrevista para lhe servir de fonte para sua pesquisa científica).

**Rino** – Era slalom. Mas eu gostava também de velocidade. Só que, para fazer esqui de velocidade, você tinha que ter uma preparação maior, né.

**Ester** – Padre, eu conversei com o seu amigo Mourão (Antônio Mourão é professor de medicina em Fortaleza e amigo do padre Rino desde que o italiano chegou a Fortaleza, em 1996) e ele me contou que, quando você chega à casa dele, os cachorros fazem a maior festa (Rino gesticula com as mãos, imitando o rabinho de um cachorro). Quando foi que começou essa paixão pelos animais?

**Rino** – Estou dizendo. Desde criança. Eu me lembro que, quando eu tinha quatro, cinco anos de idade, eu queria ter um gato em casa. Minha mãe não queria porque minha mãe era um pouco cri-cri com a questão da

limpeza. Porque gato traz pêlo e num sei o quê. Mas acabamos tendo um gato em casa. Depois faleceu e depois que faleceu não tivemos mais naquela casa. E na nova casa ela insistiu para não ter. Mas aí, quando eu já estava na faculdade e gostava de estudar decorando as coisas para as provas e caminhando, tinha uns campos verdes e a gente ia caminhando e repetindo para decorar as coisas. Aí encontrei uma gatinha que tinha sido atropelada, que estava toda ferida e os meus pais tinham viajado. Aí levei ela pra casa, lavei e cuidei. Ela tinha uma perna quebrada e botei uma tabuazinha e tal. Então, quando meus pais voltaram e viram que tinha um gato atropelado que eu estava cuidando, não tiveram coragem de expulsá-lo. E aí ela ficou e virou a grande amiga dos meus pais, porque depois eu viajei, fui para os Estados Unidos, fui para a África, fui para outros cantos, então ela ficava me representando em casa. Caroline era o nome dela. E a coisa incrível é que, depois que passei três anos nos Estados Unidos sem voltar para casa, quando voltei para casa, eu ainda estava lá embaixo e meus pais morava no quarto andar, mas a gata começou a miar desesperadamente. Quando subi, que saí do elevador, ela começou a gritar, sabe. Foi uma coisa incrível. O campo mórfico que se gera com os animais, né. Como é agora com o Bob. O Bob já sabe quando eu volto para casa. Quando eu estou voltando para casa, o Bob já fica pertinho da porta. “Ah, o padre Rino está chegando”. Depois de um minuto ou dois, eu estou chegando. Tu já viu isso, João (Duarte, um dos entrevistadores, que estagiou no Movimento Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim)? Então com os animais realmente, todo tipo de animal, criamos peixe e até criamos cobras. Fizemos sessões de cobraterapia. Aqui tem alguém que tem fobia a cobra?

**João** – Eu.

**Rino** – Tu viu a Janaína (cobra que ele criava)?

**João** – Não. Graças a Deus. (risos)

**Rafaela** – Padre, a sua infância foi marca-

---

“Foi no contato com a natureza nos finais de semana, esquiando e tal, que não enveredei por outros caminhos mais perigosos”

---



A entrevista ocorreu na palhoça do Movimento Saúde Mental Comunitária do bairro Bom Jardim, que fica a dois quarteirões da casa principal onde está a sede do projeto e a casa do Padre.

O Padre convidou Renan, mestrando em Políticas Públicas da UFC, que está estudando o Movimento, para participar da entrevista.

Seu amigo Antonio Mourão, professor de Medicina da UFC, contou que eles se reúnem todas as segundas-feiras, dia de folga dos padres, para um jantar com muito vinho e conversas.

da por uma época de desemprego e dificuldade sociopolítica e econômica. Como foi viver numa sociedade que estava se reerguendo?

**Rino** – Bom, pra mim, como criança, não ficou muito perceptível, porque eu estava dentro de um ambiente seguro, não faltava nada do necessário. Mas a gente observava o processo social ao redor. Por exemplo, eu morava no Norte da Itália. Eu nasci no Norte da Itália. Então, naquela época, nos anos 60, muitos migrantes vinham do Sul da Itália para o Norte para buscar trabalho. Então aquilo que agora está acontecendo com os refugiados da África estava acontecendo naquela época, então vinham famílias inteiras, paupérrimas, na miséria, vivendo de favores, vivendo mendigando. Então tinha este estigma, esta, digamos, esse racismo mesmo, né, entre o pessoal do Norte e o pessoal do Sul. Assim como aqui tem. Só que ao contrário. O pessoal do Sul acha que nordestino é abestado, que é inferior por algum motivo. Não tem esse estigma aqui? Lá era ao contrário. Então me lembro de ter sido sempre muito solidário, talvez porque também nós éramos migrantes. Numa escala diferente, porque os meus pais vieram do campo para a cidade, né, moramos na periferia da cidade, não morávamos mesmo no centro. Era tipo 15 quilômetros de distância do centro. Como se fosse aqui, no Bom Jardim. E aí, sendo também nós com essa questão que os locais às vezes tratavam de forma diferente. Por exemplo, o dialeto que os meus pais falavam era diferente do dialeto, mesmo sendo muito parecido, o acento, o sotaque era diferente. Então eu sempre senti muita solidariedade e aprendi a ler as problemáticas sociais da exclusão, da opressão, da marginalização através desta realidade. Mas depois, nos anos 70, quando eu comecei a frequentar o ensino médio, aí iniciou mesmo uma formação política, participação em grupos, né. Eu participava daqueles comitês dos estudantes, organizava passeatas, estava bem envolvido nessas coisas. Então, dentro dessa perspectiva crítica, porque a escola, naquela época que tinha ainda a influência fascista, era uma escola para a elite. Então era uma escola que era pensada só para pessoas que tinham condições de mandar os filhos para estudar. Não tinha espaço para os filhos dos trabalhadores. Então a seleção era feita como aqui, no vestibular, a mesma coisa, de forma bastante severa, decoreba, não ajudando as pessoas a pensar e a aprender a pensar, mas selecionando de forma a deixar só a elite nas condições de participar das universidades públicas, que inclusive eram gratu-

itas também na Itália. Mas nós conseguimos furar o esquema e conseguimos entrar na faculdade de Medicina e estamos aqui.

**Angélica** – O seu amigo Mourão falou que o seu pai era muito parecido com o senhor, porque os dois são muito teimosos. A Natália (Martins, psicóloga e coordenadora do Movimento) falou que os dois dividiam o mesmo espírito alegre e o amor pelo Brasil. O senhor pode falar um pouquinho de como era a sua relação com o seu pai?

**Rino** – Bom, meu pai era um homem presente. Tinha uma presença bem definida. Então nós tivemos várias discussões, sobretudo na adolescência, porque dois bicudos têm que se confrontar. Mas aprendi muito com ele. Nós temos um relacionamento muito amoroso. Sobre a questão da teimosia, realmente, na medida que eu tenho a minha posição, eu luto para realizar aquilo em que acredito, aquilo que acho certo, acho justo. E às vezes isso gerava alguma dificuldade de comunicação. Por exemplo, quando eu decidi ser missionário, meu pai não queria. Aí mandou minha irmã falar comigo para me convencer que eu não poderia abandonar a família, agora que estavam envelhecendo e iam precisar de mim. “Nós aqui apoiando você para terminar os estudos de Medicina e, agora que nós precisamos, você vai arriscar a sua vida na guerra”. Porque eu estava indo para a Uganda e tinha uma guerra lá. E aí ele não me deu a bênção, não. Esse foi um momento difícil para mim porque, claro, minha mãe, que parecia que era aquela que não ia aceitar, ela foi mais aberta. Disse que, se era aquele o meu caminho, eu tinha que ir e tal. Já meu pai não concordou, não, viu. Mas aí aconteceu um fato. Eu fui para Florença (cidade italiana na Toscana). Passei dois anos em Florença estudando os primeiros dois anos em Teologia. E no primeiro ano eu trabalhei como médico num acampamento de ciganos. Ciganos vocês sabem, né. É aquela população que vem da Europa do Leste, que tem tradições e toda uma maneira de vestir, de se relacionar. Eles moram em acampamentos com cabanas, *trailers* móveis e são muito marginalizados, muito excluídos. Nós íamos lá e eu fazia um ambulatório médico no final de semana, também os meus colegas cuidavam das crianças para poderem ir à escola porque elas eram cheias de piolho, não faziam as tarefas. Então fizemos esse trabalho de integração dessas crianças Rom. Que era a população cigana Rom. São dois grandes braços, né. O Rom e o Shint. Nós éramos daquele Rom que é bem mais da Albânia. Enfim, depois do primeiro ano, eles (pais de Rino) disseram que

O Padre possui dez pessoas listadas como seus ‘irmãos’ no Facebook, mas ele tem apenas uma de sangue, Beatrice.

queriam vir me visitar em Florença, né. Aí eu disse: “Bom, se vocês quiserem visitar onde eu estou trabalhando. Olha, estou trabalhando com ciganos”. Eles ficaram assim, já se coçando, pensando que iam pegar alguma doença, alguma coisa. Mas foram. Aí, quando eu terminei o trabalho, eles foram convidados. Tinha tapete, o pessoal lá senta no chão, ofereceram um chazinho, um café e tal. E eles estavam sentados no chão. Eu cheguei e sentei no chão e as mulheres, como sinal de gratidão, pegaram uma bacia de água limpa, um sabonete e uma toalha bem cheirosa, aí lavaram as minhas mãos na frente da minha mãe. Aí, rapaz, a minha mãe se emocionou tanto com esse gesto. Que era um gesto muito simples, mas que mostrava o cuidado, o respeito, a consideração e a gratidão que esse povo tinha em relação ao nosso trabalho. Aí lavaram e ficaram enxugando, sabe. Com amor, com carinho, com atenção. Aí eles ficaram muito emocionados com isso.

**Rafaela** – Padre, ainda na infância, quais eram as atividades que o senhor mais gostava de fazer na escola?

**Rino** – Bom, brincar de futebol. (risos) Você se refere às tarefas? Às matérias?

**Ester** – Como o senhor acha que era como estudante?

**Rino** – Ah, eu era um bom estudante. Tirava notas boas. Mas eu estudava muito pouco. Quer dizer, não era aqueles estudantes que eram dedicadíssimos. Pra mim, o fundamental foi uma brincadeira. Quase eu não estudava nada. Só participava das aulas, mas tirava notas boas. Gostava de escrever, tinha boas notas na redação, gostava de Matemática e em desenho nunca fui muito bom, não.

**Ester** – Estudava música na escola?

**Rino** – Não. Música na escola, sendo que era uma professora única para todas as matérias, música na escola era mais história da música, instrumentos, algumas coisas básicas. Mas eu estudava piano fora da escola. Mas eu quero terminar o que estava falando lá da história dos meus pais, porque é importante.

**Renan** – O senhor disse que eles se emocionaram. Era o seu pai e a sua mãe?

**Rino** – A minha mãe que se emocionou muito, mas o meu pai também. Eles viram esta cena e à noite nós fomos à praça para visitar a cidade e tinham umas 20 dessas crianças vendendo rosas para os turistas. Quando nós entramos na praça, as crianças viram a gente. Aí, como as crianças de hoje de manhã, vocês viram, e vieram “ahh num sei o quê e tal”. Aí uma dessas crianças deu uma rosa para a minha mãe. Esse gesto

marcou profundamente a vida deles, tanto é que depois dessa experiência eles mudaram de atitude e começaram a me apoiar, começaram a entender que realmente o trabalho que eu estava fazendo era um trabalho que tinha sentido, tinha valor.

**Renan** – Só uma coisa para eu entender: Quando aconteceu o trabalho com ciganos, o senhor já estava fazendo Teologia?

**Rino** – Já.

**Renan** – Mas parece ter uma semelhança muito com a história de São Francisco, né? Essa coisa do pai. Mas qual foi o momento em que o senhor tomou a decisão de ser missionário? O que é que aconteceu? Foi uma decisão natural?

**Rino** – Essa é uma pergunta importante porque é realmente como eu me reaproximei da Igreja. Porque, depois dessa experiência na infância, quando a gente se afastou (da Igreja), de alguma forma foi dentro de um contexto sociopolítico que era muito crítico em relação às posições da Igreja, que naquela época, na Itália, era muito vaticana, muito conservadora, muito quadrada. Então, não conseguia falar a linguagem dos homens. Aí depois eu tive que cumprir o serviço militar por um ano. Então alguém me mandou uma pergunta, que eu queria fazer o serviço militar nos Bombeiros. Com 18 anos, eu comecei a ser motorista de ambulância e foi uma experiência que mudou a minha vida, porque me aproximou da vocação de médico e missionário. A experiência-chave foi ser motorista de ambulância. E aí, em relação a esta competência, eu queria fazer um serviço militar no Corpo de Bombeiros porque iria fazer o serviço na minha cidade e ia ter a possibilidade de frequentar a universidade, porque o serviço era um dia sim, um dia não, e naquela época a frequência não era obrigatória. Então qual era o negócio: eu fico aqui e começo a estudar, entendeu. Mas depois, apesar de ter me aceito na questão das características, estava tudo certo para eu ir, só que me chamaram neste corpo especial que eram os Bersaglieri. Então eu tive que ir para outro estado, outra região, e passei um ano fora. Então não deu certo frequentar a universidade como eu tinha previsto. Então eu me inscrevi na faculdade, fiz uma prova, que era Física, e um dia depois tive que ir ao quartel para começar o serviço militar. Isso quebrou o tempo dentro desta organização. E aí, quando voltei, tive que recomeçar praticamente, né. Mas aí a reaproximação com a perspectiva missionária foi porque eu, quando terminei os estudos de Medicina, eu estava me perguntando o que é que eu vou fazer com isso. E aí passou na

Mourão é um dos melhores amigos de Rino em Fortaleza, e acredita que o Padre é uma pessoa extremamente família, por isso escolhe uma para si aonde quer que vá.

Todos os dias, pelo menos 20 pessoas participam do grande almoço oferecido no Movimento, entre voluntários, funcionários, estudantes e membros da comunidade.

Padre Rino casou todos os filhos de seu amigo Mourão. Inclusive, uma das cerimônias foi feita inteiramente em inglês e português, pois a noiva era americana. Ele também batizou todos os seus netos.



“A ioga é que foi a ferramenta que me resintonizou com a minha essência mais profunda”



O seu pai, Mario, amava o Brasil. Ele fazia questão de bordar a bandeira da Itália e do Brasil juntas em todas as camisas que usava.

minha cabeça de ser médico daquela organização Medicina Sem Fronteiras. Que é aquela organização que faz intervenções pontuais em situações de emergência, de catástrofes, de guerra, de refugiados e tal. Então eu estava sintonizado nesta perspectiva. Mas também, depois que eu voltei do serviço militar, que foi extremamente pesado do ponto de vista psicológico, porque foi um impacto muito grande conviver um ano com esta loucura de pessoas que te educam para matar, um forma pouco respeitosa da pessoa. Você está só virando um objeto, uma máquina de guerra nas mãos de outros loucos que querem que você faça e não estão nem aí com você. Você é um objeto na mão de um chefe que quer usar sua força para objetivos que você nem imagina. Você pode até matar pessoas com isso. Isso amadureceu o meu espírito pacifista, a não violência e tudo aquilo que eu já acreditava. Lá mesmo foi muito claro que era isso. Mas aí, quando eu voltei, por causa dessa, diga-

mos, exaustão, desse estresse em alto grau por ter tido que conviver com esta realidade louca que a gente fazia simulação de guerra e várias coisas doidas. Então quando eu voltei, eu comecei um curso de ioga. A ioga que foi a ferramenta que me resintonizou com a minha essência mais profunda. Então, com a minha espiritualidade, com esta percepção do transcendente, com esta dimensão mais profunda do ser humano. Então também a ioga traz toda uma outra cultura, uma outra filosofia, uma outra maneira de ver as coisas, né. Então, nesta busca, eu encontrei um jovem teólogo que estudava teologia, que era amigo da minha companheira de estudo da Medicina, e aí nós tínhamos muitas diatribas, né, muitas conversações. Eu ficava pontuando, criticando e tal as questões da Igreja e vinha com uma série de observações inteligentes, com uma série de questionamentos, que envolviam a Filosofia, a Teologia. Então era uma coisa interessante. Então eu me empolguei com isso. Eu vinha com a minha posição que trazia a Filosofia oriental, então ele me disse: “Rapaz, eu estou indo para um retiro agora no Natal e lá vai ter um frei dominicano que é muito competente nesta questão da Filosofia oriental. Você tem interesse?”. E aí eu fui lá, passei uma semana neste retiro. E aí foi o encontro com uma biblioteca enorme e aí, a partir disso, começou tipo uma espécie de reconexão com a experiência católica. Este padre e as freirinhas que moravam neste mosteiro eram velhinhas, francesas. Eram pessoas muito brilhantes, inteligentes e que reabordaram em mim o sentido da busca espiritual e a partir disso foi a reconexão com a Igreja Católica.

**Rafaela** – Mas padre, ainda na adolescência aconteceram dois fatos na sua vida. Primeiro a mudança de escola e a segunda foi participação no movimento estudantil. Por que o senhor resolveu entrar no movimento estudantil?

**Rino** – Era a identificação com aquilo que o movimento estudantil estava fazendo. Crítica ao sistema injusto, crítica a essa discriminação entre pessoas de baixa renda e pessoas da elite que não poderiam ter acesso a oportunidades como os outros. Então foi o desenvolvimento do espírito crítico que tinha começado no ensino fun-

damental, que, quando foi no Ensino Médio, aí era ao vivo. Você se deparava mais com essas tradições. E naquela época foi um vulcão em erupção, tá entendendo. Surgiram vários grupos, e também tinha a ver com a música. Por exemplo, era o tempo da música *rock*, do *blues*. Era o tempo de, digamos, de movimentos sociais que também passavam através da música de forma revolucionária. Ou seja, trazia uma outra maneira de ver as coisas e tinha aquela visão ideal da comunidade, da vida comum, de uma vida mais comunitária. Então eu me identifiquei com isso.

**Ester** – Padre, o senhor já contou pra gente como decidiu cursar Medicina. Mas o senhor também considerou fazer Música. Por que o senhor não seguiu esse caminho?

**Rino** – É o seguinte. Quando foi a hora de escolher a universidade, realmente eu pensei. Tinha uma universidade na Itália que se chama DAMS, Discipline delle Arti della Musica e dello Spettacolo, que inclusive (na entidade no Bom Jardim) agora tem a Casa AME, Arte Música e Espetáculo, que veio de lá. É a Universidade onde trabalhava Umberto Eco, vocês já ouviram falar dele?

**Turma** – Sim.

**Rino** – Discipline delle Arti della Musica e dello Spettacolo era um centro de cultura de música. Então, para quem gostaria de ser artista, era uma base extraordinária, que abria vários canais e tal e tal e tal. Então eu fui até Bologna, fui visitar a cidade, me informei sobre os cursos e tal. Eu fiquei realmente interessado, certo. Aí, quando eu fui conversar com os meus pais, meu pai disse: “Olhe, se você que ir pra Bologna para fazer esta besteira, aí você se organiza e vai, que eu não lhe ajudo, não; mas se você quiser fazer Medicina, aí eu lhe apoio”. Então, porque eu também já tinha interesse na Medicina, trabalhando nesta experiência das ambulâncias, eu fiquei muito tocado por esta competência dos médicos. Chegar com a ambulância em emergência para ressuscitar, cuidar, foi uma coisa que me chamou muito atenção. Aí acabei escolhendo Medicina.

**Wanderson** – O senhor falou no começo que a música, especialmente o instrumento que o senhor tocava, o violão, chamava a atenção, principalmente das meninas.

Atualmente, o Movimento possui 13 programas. São eles: terapia comunitária, terapia da autoestima, Sim à Vida, Massoterapia, Biodança, Cursos Profissionalizantes, Casa Arte Música e Espetáculo (AME), Formação, Horta Comunitária, Centro de Atenção Psicossocial e Residência Terapêutica.

---

“Trabalhando nesta experiência das ambulâncias, eu fiquei muito tocado por esta competência dos médicos”

---

O projeto Sim à Vida é financiado pela União Europeia.

**“Você tem que se criticar, se observar. Que cristianismo é esse que exclui o outro porque é negro? Que cristianismo é esse que exclui o outro porque é índio?”**



Na mesma semana da entrevista, o Padre viajaria para Boa Vista para seguir seu trabalho de terapia comunitária com imigrantes venezuelanos.

---

## “Quando tem a Copa, aí eu sou sortudo, né, porque eu tenho duas chances. Uma com a Itália e uma com o Brasil”

---

Como que eram suas paixões durante a adolescência?

**Rino** – Rapaz, eu comecei na infância, na verdade (risos). Eu tinha uma amiguinha que morava a dois quarteirões da minha casa. Ela passava para ir pro colégio e eu ficava olhando, calculava o tempo que mais ou menos dava para chegar mais ou menos na mesma rua para caminhar junto por um quilômetro, mais ou menos 800 metros, que era a distância da minha casa até a escola. Eu realmente me apaixonei por esta menina. Claramente era coisa de criança, nem pensava na dimensão psicossocial, que depois na adolescência se manifestou a sua normalidade. Era mais uma paixão mesmo, amor, um carinho. Um afeto que dura até hoje, na verdade, porque a gente ainda se vê e a gente sabe que a gente se amou muito naquela época. Ela casou, teve filhos e tal. Depois, na adolescência, tive aquelas experiências assim, de adolescente, com as meninas e com as festas, beijinhos e tal, essas coisinhas. Mas a relação mais significativa começou com os meus 18 anos, que foi um relação estruturada com uma moça chamada Claudia, com a qual tive muitas experiências boas. Foi muito importante, inclusive porque eu, naquela época, tinha uma cultura ainda um pouco machista, que era típica do jovem daquela época. Então ela era uma pessoa muito sensível, com uma formação que me abriu muito ao respeito à mulher, me ajudou a ver mulher de outra forma, com outros olhos. A reconhecer a dimensão feminina dentro de mim, né, porque eu era machão, era durão, era assim todo... Orientado pela cultura, né. Ela me ajudou a reconhecer em mim também outros aspectos que ficavam adormecidos dentro desse condicionamento cultural. Então foi uma experiência extraordinária, ela também gostava muito de bicho. Até alugamos com um grupo de amigos uma fazenda por um tempo e a gente chegou a produzir vinho, pão, criar verduras, bichos, né. No final de semana, vinham pessoas de

todo lugar pra visitar nossa fazenda. A gente teve um... Assim, um momento de encontro com artistas, com pessoas intelectuais. Virou assim, tipo, um ciclo cultural, baseado nessa experiência também de autossustentabilidade. Só que isso não condizia com a faculdade de medicina, né. Medicina você faz, se concentra e estuda se não, não vai. Eu queria trabalhar estudar, aí... Se mostrou impossível. Então tive que abrir mão disso aqui, também porque o pai da Cláudia faleceu e ela teve que voltar pra casa mais



Natália, uma das pessoas próximas ao Padre que foram entrevistadas durante a produção, nos contou que o conhece desde os 8 anos de idade, quando ele chegou ao Bom Jardim. Hoje ela também trabalha no Movimento.

regularmente, aí a gente começou a estudar mesmo pra terminar a faculdade. E aí no final da faculdade que apareceu, aí a gente separou e pronto, teve este outro desfecho.

**Ester** – Durou quantos anos?

**Rino** – Cinco anos.

**Wanderson** – Além da Cláudia, teve alguma outra paixão?

**Rino** – Hmm... Sim. Mas esta foi a mais marcante.

**João** – Padre, o senhor citou também esses caminhos perigosos da adolescência, pelos quais o senhor não enveredou. Eu queria saber o quão perto o senhor chegou desses caminhos.

**Rino** – Rapaz, os meus colegas, aqueles que vinham da experiência, né, da infância e da adolescência católica, que brincávamos muito de futebol, que tínhamos compartilhado festa com as meninas, toda essa história, né... Vários deles entraram nesse processo. Então, no momento que eles entraram nesse processo, nós ainda éramos próximos, entendeu? Só que eles começaram mesmo a fumar maconha e alguns desses entraram na rede da heroína, entendeu? E aí a coisa ficou gravíssima. Então eu convivi com isso. Convivi porque esse povo tava entrando nessa, né. Eles vinham com essa história: “Ah, não sei o quê, não sei o quê”. Mas como eu disse, fui esquiar nos finais de semana. No lugar de fumar maconha, eu ia esquiar, entendeu? Foi uma opção devido talvez à sensibilidade, à formação que eu tinha, né. Eu me dava conta de que era um negócio que não tinha futuro.

**Pedro** - O senhor falou que esquiava, jogava muito futebol. O senhor gosta muito de esporte e acompanha até hoje?

**Rino** – Agora eu acompanho só a Fórmula 1, ó. Porque outra grande paixão que eu tinha era... Porque morava próximo de Monza, onde tem o autódromo da Fórmula 1. Então, quando eu era criança, adolescente, começando com uns 14 anos, eu ia de bicicleta da minha cidade até o autódromo. A gente deixava as bicicletas fora, pulava... Porque não tinha dinheiro, né, pra comprar a entrada, então a gente tinha todo um esquema pra entrar, porque era um parque muito grande. Então a gente conseguia entrar de graça, entendeu? Então era um ritual, quando tinha o *Gran Premio di Italia*, né, que ocorre em setembro, aí a gente se animava. Aí a gente ia na quinta-feira porque era mais fácil de pular, porque a polícia era menos presente, entendeu? Aí a gente acampava lá quinta, sexta, sábado e domingo e assistia. Então eu era... empolgadíssimo, né, com a Fórmula 1, até hoje. E aí o futebol hoje é só a Copa, mesmo. Quando tem a Copa aí...

Eu sou sortudo, né, porque eu tenho duas chances: uma com a Itália e uma com o Brasil (risos). E aí eu fico sempre muito atento com as...

**Renan** – Agora não tem, né, a Itália (a seleção italiana não se classificou para a Copa de 2018)...

**Rino** – É, aí é só uma... (risos)

**Renan** – Eu já ia perguntar se o senhor é Fortaleza ou Ceará...

**Rino** – É, é mais Ceará pela convivência com os meus companheiros e colegas aqui do movimento, que a maioria é Ceará, né. Então apanha menos... Porque Fortaleza teve momentos difíceis, né. Mas na verdade não tenho aquela paixão, aquela identificação que eu tinha quando era adolescente.

**Pedro** – Lá tinha algum time que o senhor acompanhava?

**Rino** – Inter, Inter de Milão. O meu pai era interista, eu também.

**Pedro** – Mas acompanhavam mesmo os jogos?

**Rino** – Mais no domingo, ir para o estádio não. Fui uma vez, só.

**Ester** – Padre, a gente também sabe que o senhor aprendeu a dirigir trator na casa dos seus avós quando era criança.

**Rino** – Sim (risos).

**Ester** – O senhor acha que essa experiência influenciou a querer ser voluntário como motorista de ambulância no futuro?

**Rino** – Hmm... Eu sempre tive paixão pela mecânica e pela velocidade, né. Ehh... De alguma forma o trator foi a primeira oportunidade que eu tive para aprender a dirigir. Quando eu aprendi a dirigir o trator, eu tinha dez anos. Minha mãe ficava doida, porque meu tio... Eu acompanhava meu tio, observava, né, então um dia eu disse: “Posso?”. “Bora”. Aí minha mãe tava lá, ficou gritando: “Não faça isso! Não faça isso!”. Aí eu botei a marcha e fui, né, deixei a embreagem, dei uma roda na praça que tinha lá e voltei todo orgulhoso porque tinha conseguido dirigir o trator. E meu tio feliz também, porque sabia que eu era capaz. Então depois, quando eu ia lá, eu ajudava mesmo. Eu ia, sabe... As tarefas mais fáceis, né, que... Que era, por exemplo, quando corta a grama, tem que colocar numa forma para que depois passe uma máquina para botar naquelas... Não sei como chama em português... Lá chama embalar.

**David** – São os fargos?

**Rino** – Sim, são quadrados...

**Renan** – Sim, são os fargos.

**Rino** – Os fargos, né? Então tem uma máquina que passa, então tem todo um processo de preparação e então eles confiavam em mim, já com uns 12 anos. Pra mim era

O Padre interrompeu a entrevista duas vezes para dar informações a pessoas que chegaram à palhoça. “Bom dia! Pois não?”, gritou a uma delas, que seguia para os fundos do terreno.

Rino possui vários animais em sua casa, entre gatos, cachorros, pássaros e mais. Até cobra ele já teve, a Janaína.

O Padre trabalha no Movimento pela manhã e atende pacientes, na condição de psiquiatra, durante a tarde. Por isso, a entrevista ocorreu em um sábado de manhã.

um... Sabe, era uma coisa muito boa. Agora nunca pensei na relação entre o trator e a ambulância. Mas que eu tive essa paixão em dirigir, sempre tive.

**Pedro** - Padre, e quando o senhor foi motorista de ambulância, teve algum caso que chamou mais atenção?

**Rino** - Vários, vários... Mas um particularmente que me chocou muito foi no primeiro ano, foi uma emergência que eu fui pegar em... Aí quando é emergência você vai rápido, sirene e tal, aí quando cheguei lá tinha uma jovem mais ou menos da minha idade que tinha... Com a moto, né. Ela tinha batido a cabeça num caminhão e estava lá com o cérebro fora da cabeça. E quando nos aproximamos, né, alguém apontou uma luz para nos ajudar e a luz saiu dos olhos na frente, porque tava a cabeça aberta. Aquele imagem me... me chocou, né. Me deixou assim... Aí me lembro que naquela noite eu não consegui dormir. É... Fui conversar com os meus pais, né, me lembro. E aí depois várias situações, crianças, principalmente crianças queimadas, afogadas. Criança você nunca se acostuma, não. Mas foi uma... Foi uma experiência de preparação, né, para o que vier depois...

**David** - Padre, foi nesse momento dirigindo ambulância e vendo as histórias das pessoas que o senhor decidiu que, quando o senhor fosse médico, o senhor iria para as zonas de conflito e cuidar de pessoas marginalizadas?

**Rino** - É... Isso veio depois, mas, vendo, na retrospectiva, realmente foi uma propedêutica, foi uma preparação pra chegar lá, entendeu? Naquela época eu não pensava nisso de forma... Não passava na minha cabeça de ir pra África, de... Foi depois, né, que amadureceu mais. Também porque o que foi que aconteceu: aquele clima de transformação social, que parecia gerar uma revolução daqui a pouco, na verdade depois teve um resfriamento, né. Resfriou, entendeu? Então vários dos jovens que estavam envolvidos comigo nas lutas sociais sumiram das lutas sociais e se engajaram em projetos pessoais nas multinacionais, trabalhando em banco. Enveredaram o caminho de inserção no sistema, entendeu? Que de alguma forma nós tentamos transformar. Então foi uma decepção muito grande, porque você vê que seus companheiros sumiram, né. Então foi depois disso que também... Sendo que o foco não era mais a transformação social daquela realidade histórica que eu estava vivenciando, aí se abriu também para outras realidades que eram bem piores, né. Aí vinham essas experiências de jovens voluntários dos

países de Terceiro Mundo e tal. Aí foi lá que eu me sensibilizei mais pra depois... Mas a experiência-chave para eu entrar nos missionários foi o encontro com três jovens missionários, que eu já contei pra Angélica (da equipe de produção da entrevista), não foi? Talvez eles não sabem, né? Posso contar? O que aconteceu foi que eu estava na faculdade com essa (questão) "que que eu vou fazer com isso, Medicina sem Fronteiras?". Estava lendo, estava me informando.... Rapaz, perdi o trem e encontrei três jovens que eram noviços combonianos (os Missionários Combonianos são uma congregação católica fundada em 1871 pelo bispo italiano Daniel Comboni, canonizado em 2003 pelo Papa João Paulo II). E aí eles me deram carona, né, até a faculdade, e a gente ficou conversando. Aí, quando me disseram que eram noviços combonianos, eu fiquei logo "epa!"... Quer dizer, né, (pausa) como é que um jovem vai ser missionário? Pra mim naquela época era uma coisa esquisita, né? Mas eles começaram a falar da experiência deles, começaram a falar da igreja latino-americana, da igreja do Brasil onde tinha uma conferência episcopal que... Que tinha a campanha da fraternidade, que tinha o trabalho social, que tinha jovens que estavam morrendo, mártires porque estavam trabalhando com os pobres (os missionários combonianos chegaram ao Brasil em 1952, primeiramente no Maranhão e no Espírito Santo)... "Que igreja é essa?". "Igreja Católica". "Vocês são católicos?". "Somos" (simula o diálogo). Aí eles me convidaram pra conhecer, tá entendendo, o lugar aonde eles tavam se formando, e aí encontrei missionários que tavam trabalhando no Brasil, no Equador, na América Latina e que me abriram para um visão totalmente diferente da igreja que eu tinha naquela época, né. E foi através desse encontro que iniciou o contato com os missionários combonianos. A participação em grupos, retiros, encontros e tal e tal e tal que me levou ao discernimento de que talvez poderia ser interessante fazer essa experiência e estudar Teologia, porque também eu gostava de estudar, né. Então no começo foi mais "vamo ver como é". Aí depois vai, vai, vai e estou aqui, há 22 anos no Bom Jardim, missionário comboniano.

**Angélica** - O senhor entrou no seminário aos 30 anos. Considera que foi uma decisão tardia?

**Rino** - Sim, nós... Naquela época as vocações eram todas adultas, né. Aquele seminário menor (ainda na infância) já tinha sumido, não existe mais. Porque antigamente, quando eu era criança, e eu tinha dez anos, nos levaram para visitar o seminário

João Duarte, um dos integrantes da Revista Entrevista, trabalhou no Movimento durante um ano, em 2014. Foi ele quem indicou o nome do Padre Rino para a votação de escolha dos entrevistados desta edição da Revista Entrevista.

e eu voltei pra casa e disse: “Mamãe, eu quero entrar no Seminário, eu quero ser padre!”. Minha mãe: “Sim, sim, você primeiro estuda, termina os seus estudos, depois vamos pensar nisso”, né. Então foi uma coisa assim, meio reprimida na hora, mas eu tinha sentido logo lá uma coisa que me interessava, sabe? Mas aí, essa dimensão do seminário menor, que praticamente são seminaristas que são gerados em laboratório, né (risos), que... Lavagem cerebral de criança pra cima, né. Aí depois viram que a maior parte saía, era um investimento doido, mas que a maior parte não chegava a ser padre, apesar de ter feito toda esta preparação. Então os missionários combonianos preferem vocações adultas, por quê? Porque são pessoas que já têm cabeça feita e, se entra, entra porque quer entrar mesmo, pra fazer alguma coisa, entendeu? Então era comum esse negócio. A maior parte dos meus companheiros em Florença eram todos adultos já com faculdade, já com experiência de vida, entendeu?

**Renan** – E qual a diferença dos combonianos para a Igreja Católica tradicional?

**Rino** – A diferença é a opção preferencial pelos mais pobres, abandonados, os excluídos. A diferença é você sair da sua cultura e ir para outra cultura e ter a disponibilidade para se abrir com outra língua, outra dimensão, outro... Outro contexto e se colocar ao serviço deste contexto. Outra dimensão é a convivência internacional dos membros deste grupo. Hmm, nós somos... Por exemplo, quando estava em Chicago (EUA), nós éramos 20 estudantes de 14 nações diferentes. Convivemos juntos. Italiano, mexicano, peruano, brasileiro, filipino, tá entendendo? Então são esses três elementos fundamentais: opção preferencial pelos pobres, saída do próprio contexto para ir para outro contexto e a internacionalidade, além de estar presente em situações de limite. Por exemplo, os combonianos vão aonde os outros não querem ir. Nós chegamos aqui, no Bom Jardim, em 87, né, os meus companheiros... Aqui era... o canto que ninguém, os padres diocesanos da época não queriam vir. É só em 2000 que nós conseguimos entregar a área pastoral para os diocesanos, começaram a vir para assumir. Porque o Bom Jardim é terra do... Né? Cê sabe.

**João** – Por que o Bom Jardim?

**Rino** – Pela questão da violência. Até hoje também. E óbvio, padre que vinha aqui naquela época não tinha como se sustentar. Os missionários têm uma condição de sustentação porque recebem apoios internacionais, mas aqui como é que o padre se

---

## “Os (missionários) combonianos vão aonde os outros não querem ir”

---

sustenta? Agora mudou a situação social, mas 20 anos atrás... não tinha como.

**Angélica** – E qual foi a primeira missão que o senhor realizou como missionário comboniano?

**Rino** – Bom, a primeira experiência missionário foi no Equador. Foi durante a formação... Durante a formação, essa é outra característica dos combonianos, que não é só a dimensão, digamos, espiritual teológica, mas é a aplicação na vida. Ou seja, uma união entre a fé a vida. Aí, missionário comboniano tem uma formação teológica para ação transformadora da injustiça social. Então, toda a nossa formação é caracterizada por esse espaço de formação teórica, mas também de formação prática, né, em primeira linha. Então, pra ver logo se a pessoa que está aí quer ser mesmo missionário, bota logo na missão, entendeu? Então a primeira experiência foi no Equador, nos rios da Amazônia do Equador, lá com os índios Cayapas. Aí foi uma experiência de médico, né. Lá o movimento de leigos da América Latina, que tinha lá uma sede e tinha uma doutora, doutora Mariela, aí nós de canoa subimos por cinco dias no Rio Santiago e aí descemos. Todo dia a gente parava em quatro ou cinco aldeias, né. E a gente fazia ambulatório, pequenas cirurgias... Essa experiência de trabalho médico de campo. Aí foi muito, muito, muito interessante, muito forte a experiência, aprendi muito, me empolguei muito. Só que lá me dei conta que ser padre e médico como clínico não dava, porque a clínica é tão... exigente, né, quer que você fique se dedicando completamente à clínica, não tem muito tempo para o resto, né. Então eu sempre tive interesse na Psicologia, desde quando comecei a faculdade, que encontrei um professor de Psicologia que era muito... É... Aberto, né, pela questão da cultura indígena. Eu tinha um interesse já na época pela cultura indígena. Então esse professor tinha feito uma experiência com os índios norte-americanos Navajos, tinha feito um estudo da dimensão, da diferença dos hemisférios cerebrais da questão lógico-matemático e linguística e a questão da intuição e da inteligência emocional. Já na época ele tinha feito todo esse

O Padre reconheceu João logo que o viu. Ele deu um grande abraço e disse: “É tu mesmo?”.

Padre Rino foi um dos nomes mais votados para compor esta edição da Revista Entrevista.

A pré-entrevista com a equipe de produção durou duas horas, mesma duração da entrevista inteira com todos os entrevistadores.

estudo, muito interessante. Eu me empolguei com isso. Então, quando eu voltei ao Equador, resgatei todo esse conhecimento que eu tinha acumulado e disse: “Rapaz, eu tenho interesse também na questão da saúde mental”. E aí a segunda experiência prática foi nos Estados Unidos, no hospital psiquiátrico, no Lewis Center, em Cincinnati, onde foi o meu primeiro contato com a Psiquiatria. E lá que eu decidi: “Não, eu vou ser psiquiatra mesmo”. E aí comecei toda a aventura, né, que me trouxe até aqui.

**Ester** – Padre, e quando o senhor entrou no Seminário... Hoje analisando, o senhor acha que teve que abdicar algo para ser padre? E, se sim, o quê?

**Rino** – Bom, quando você se coloca a serviço de uma comunidade, a serviço de um povo, você está colocando aquilo em primeiro lugar. E aí a sua vida pessoal, obviamente, tem outros aspectos. Por exemplo, se você decide ter uma família, em primeiro lugar está sua esposa e seus filhos. Óbvio, né. Agora, se você não casa, em primeiro lugar tem a comunidade. Até porque seria difícil encontrar uma companheira que teria acompanhado esta história minha toda. Ir pro meio da floresta do Equador, ir...

Porque depois eu fui pra Uganda, no meio da guerra, e depois pra cá, no Bom Jardim... Quer dizer, seria muito difícil encontrar uma companheira que tivesse fôlego de... Mas se tiver alguma candidata, pode me dizer! (risos).

**Renan** – Padre, pelo que eu tô vendo, os combonianos não tinham aquele costume de enviar, ou também era aberto ao seu desejo, “olha, eu quero ir pro Equador”?

**Rino** – (interrompendo) No meu caso, foi. No meu caso, foi. Praticamente todas as opções que eu... Só uma que não respeitaram. Porque, quando me pediram pra ir pra Uganda, eu na verdade tinha pedido pra voltar a trabalhar no Equador, porque já conhecia, eu tinha gostado muito. Mas faleceu o diretor do hospital de Kalongo, no norte da Uganda, estava lá no meio da guerra, um bocado de crianças feridas que pulavam em cima de minas, sem perna, sem braço e tal... Então me perguntaram se eu tinha disponibilidade pra ir. Então disse... Pensei, né, e aí eu fui. E valeu a pena, né, valeu a pena porque aí foi outra coisa que depois...

**Renan** – (interrompendo) Mas eles trabalham muito essa questão com base no seu desejo, né.

---

“Quando você se coloca a serviço de uma comunidade, a serviço de um povo, você está colocando aquilo em primeiro lugar”

---



Durante a pré-entrevista, uma das gatas do Padre subiu na mesa e lá ficou até a hora da equipe ir embora. Em determinado momento, Angélica constatou que o gravador parou. Por sorte, dois celulares estavam gravando.

**Rino** – É, eles aprenderam, entenderam que, no lugar de você impor, é melhor propor. Porque na proposta você vai adquirindo resultados mais adequados e significativos, porque, se a sua vontade corresponde à vontade do plano, obviamente tem uma compatibilidade maior. E até então, realmente, deu certo, né, porque eu pedi pra estudar nos Estados Unidos depois da experiência na Psiquiatria, e eles me mandaram. Pedi para vir para o Brasil... A primeira experiência no Brasil foi em 93, quando eu estava nos Estados Unidos, já estudando lá, (vim para) participar do congresso de Psiquiatria no Rio de Janeiro. Aí eu participei do congresso e foi lá que eu encontrei o Dr. Adalberto Barreto, da Universidade Federal do Ceará, que apresentou a experiência em Quatro Varas (projeto social no bairro Pirambu, em Fortaleza). E foi lá que eu disse: “Pronto, é pra lá que eu quero ir”. Ou seja, trabalhar na periferia de uma cidade com a população de baixa renda, dentro de um contexto de respeito pela cultura, dentro de um contexto de transformação social, e uma pedagogia de Paulo Freire (educador e filósofo, patrono da educação brasileira), da autonomia, da independência... Então eu

disse: “Rapaz, meu lugar”. Então do Rio vim pra cá, passei uma semana aqui, fui visitar a experiência do Adalberto, e voltei já nos Estados Unidos com a ideia de pedir para vir para cá. E quando terminei os estudos, a minha primeira opção foi Brasil e me mandaram pra cá. Estou aqui desde então. Já tentaram mandar pra Itália umas vezes, mas não conseguiram ainda (risos).

**João** – Padre, na época em que dirigia ambulância, o senhor acompanhou o sofrimento físico das pessoas. Depois na Psiquiatria, o sofrimento psíquico. O que era mais difícil de ver?

**Rino** – (suspira) É, Psiquiatria é mais complexo. Saúde mental requer uma atitude de empatia, de disponibilidade a escutar, disponibilidade a acompanhar, né, a dor do outro de uma forma muito... Um empenho muito maior do que você cortar um pé, ou cortar uma cabeça, ou fazer uma cirurgia, ou fazer uma análise clínica. Eu considero o trabalho da Psiquiatria e da saúde mental muito mais complexo, com certeza. E precisa de uma disponibilidade maior, de uma dedicação maior, né. Se você quiser fazer um trabalho de psiquiatria biopsicossocio-espiritual, que é a minha abordagem, né.

No corredor de entrada da casa do Padre, molduras dos dois lados da parede apresentam entrevistas que ele concedeu sobre o Movimento e sua história.

---

“No lugar de você impor, é melhor propor. Porque na proposta você vai adquirindo resultados mais adequados e significativos”

---



Uma das atividades preferidas de Rino é cozinhar. Durante a pré-entrevista, um cheiro bom vinha da cozinha logo ao lado. Um dos motivos para a finalização da entrevista foi o almoço, que ele iria preparar.

A entrevista aconteceu na Semana Nacional da Luta Antimanicomial.



Agora, se for só psiquiatria lógica, “ah, tu tem isso, isso, isso, isso aí”, “pronto, tá aqui o remédio”, aí está no mesmo nível. Agora se você entra dentro de uma psiquiatria sistêmica, né, que é a nossa abordagem sistêmica-comunitária, aí requer realmente um esforço maior, na minha opinião.

**Wanderson** – Padre, desde criança, o senhor sempre acompanhou o ciclo da vida e o senhor fica visivelmente emocionado quando fala principalmente do final dela. O senhor tem medo da morte?

**Rino** – Rapaz, eu achava que eu não tinha, mas, quando estava na Uganda, eu quase morro, aí eu descobri que eu tenho, sim. Eu fiquei doente de malária, né, não tinha como chegar a Kampala (capital e maior cidade da Uganda) porque os bombardeios não permitiam sair do hospital. E eu já tinha feito todo o tratamento, e a febre não passava. E o meu colega, um cirurgião que estava trabalhando lá, pegou malária cerebral, que era um (*Plasmodium falciparum* (protozoário parasita que causa a malária em humanos),



Ao final da entrevista, Rino perguntou a Robson de que ele era professor. Robson respondeu “Jornalismo”.

e já tinha ficado paralisado, né. O risco era a morte cerebral. Aí, quando não passou, né, eu estava numa noite, passei mal, aí achava que ia morrer. Eu senti medo, ó. Senti medo, mas aí um dia depois eu comecei a melhorar e pronto. Nunca mais eu tive medo de morrer como eu tive naquela vez.

**João** – E o luto pro senhor, é difícil?

**Rino** – O luto? Bom, eu perdi o meu pai o ano passado, né... Claro que é uma dor profunda, né. O meu pai, que foi o luto mais próximo, digamos. E aí você se coloca dentro dessa perspectiva de que, de alguma forma, a vida começa, permanece e termina. Então você vai se acostumando com a ausência, vai tentando preencher este vazio com as lembranças da saudade, das coisas boas, né. A gente tenta transformar, mas não é uma coisa agradável com certeza, né... Mas a gente enfrentou, estamos aqui, vamos em frente.

**Wanderson** – Falando de vida, hoje o senhor ajuda muitas pessoas e aparentemente muitas crianças, também. Como que é esse seu contato com elas, como é a sua relação com as crianças?

**Rino** – Bom, existem vários núcleos, né, vários núcleos aqui na nossa atividade. Algumas crianças que eu conheço são mais próximas, outras menos. Mas eu sempre lembro, quando nós oferecemos alguma oportunidade para essas crianças, né, da oportunidade que eu tive e o encontro com algo que me ajudou a crescer, que me ajudou a ser melhor na vida. Então é como se tivesse uma gratidão que eu sinto por aquilo que eu recebi. Por exemplo, a minha experiência de vida com aquele padre que gerou oportunidades foi muito positiva pra mim. Então é como se eu tivesse recebido e estou repassando, entendeu, aquilo que eu recebi. Então é um relacionamento alegre.

**Rafaela** – Padre, o senhor passou pelo Equador, pela Uganda e teve contato com religiões bem diferentes, bem próprias de uma cultura. Como foi esse seu contato com religiões diferentes?

**Rino** – Bom, no Equador foi muito interessante porque eu aprendi muito com os curandeiros. No Equador eu aprendi que existia uma maneira de curar que não era aquela da Biomedicina. Que tem xamã que pode curar a mordida da cobra. E que existem sete graus de... hierárquicos, né. Sete diferentes graus de xamanismo de capacidade de curar, e depende do veneno da cobra, que a pessoa sabe curar. Então, lá, no meio dos rios que a gente chegava e tinha patologias de todo tipo, a única maneira de curar é o curandeiro, entendeu? Então eu vi que existe uma medicina popular, tradicio-

nal, que cura mesmo. Que não é só ritual, que não é só espiritualidade, mas que existe toda uma série de meios, recursos que são extraordinários e têm que ser valorizados. Na África, eu tive contato com as religiões tradicionais e lá também um dos padres que gostava muito de vídeo, a gente ia fazer algumas reprises dessas atividades... [interrompe a entrevista para dar informações para uma mulher que adentra a palhoça].

**Renan** – Você tava falando da África...

**Rino** – Das religiões tradicionais, né. Então, lá já foi uma propedêutica, porque depois, quando eu fui aos Estados Unidos, aí me preparando para vir para o Brasil, eu estudei as religiões afro-brasileiras. Então, quando vim aqui, em 93, passei no Rio, em Fortaleza e depois fui também para São Luís do Maranhão e passei lá dois meses em São Luís. E lá têm muitos grupos de candomblé, tem muito grupo de umbanda, né. E os padres, os missionários combonianos, dialogam com as religiões. Não é uma atitude de “ah, isso aqui é negócio do demônio”, “isso aqui não presta”. A gente sempre respeita, dialoga, interpreta. Não precisa eu ser do candomblé, mas, se o candomblé está trazendo uma coisa boa pra aquelas pessoas, isso tem que ser valorizado, entendeu? E pra ser psiquiatra, você tem que integrar a dimensão cultural-espiritual do outro assim como ela é. Não é porque você é católico que todo mundo tem que ser católico, todo mundo tem que ser do jeito que você acha que tem que ser. Então, como missionário, você aprende o diálogo ecumênico, você aprende a interpretar a experiência do outro a partir da necessidade profunda do outro. Então lá na África, o contato com essas religiões ao vivo, ver também os rituais ao vivo... [interrompe novamente para dar informações a outra mulher que adentra a palhoça]. (...) Esta formação (na África) foi muito importante para o diálogo com o povo do Bom Jardim, que muitos antes de vir para o médico vão para a macumba, né, candomblé, vão para a umbanda, vão para a religião espírita. Tem toda uma rede de crenças que estão, assim, dentro dessa miscigenação cultural que é típica da realidade brasileira, que tem que ser acolhida, respeitada, valorizada pra poder ter o efeito terapêutico mais eficaz. Então foi toda a preparação para ir. E outra dimensão religiosa que marcou profundamente a minha vida foi o contato com os índios Lakota-Sul. Isto foi durante a experiência nos Estados Unidos. Aí eu tive acesso à aldeia... Vocês conhecem os Lakota? Vocês já ouviram falar? Ninguém nunca ouviu falar dos índios Lakota-Sioux?

Na pré-entrevista, Rino recebeu algumas edições da Revista Entrevista e foi logo reconhecendo alguns colegas, como a Cacique Pequena, uma das entrevistadas da 34ª edição.

A equipe de produção encontrou um grande material de entrevistas com o Padre, incluindo entrevistas em vários jornais, como O Povo e Diário do Nordeste.

Rino gesticula bastante, principalmente quando explica termos técnicos da abordagem sistêmica-comunitária do Movimento.

**Caroline** – Só na pauta pra entrevista (risos).

**Rino** – Os índios Lakota-Sioux são famosos porque foram os únicos que conseguiram derrotar militarmente o exército norte-americano em uma batalha famosa, chamada *The Little Bighorn* (A Pequena Big-horn, uma espécie de carneiro selvagem encontrado especialmente em montanhas rochosas nos EUA), onde o general (Armstrong) Custer (1839-1876; comandante de uma unidade de cavalaria durante a Guerra Civil Americana e as Guerras Indígenas) foi com o exército, mas os lakota-sioux com táticas de guerrilha conseguiram derrotar um exército enorme e acabaram com este exército. Porque o general Custer achava que ia lá pra acabar com os índios, e os índios acabaram com ele. O filme “Avatar”, vocês assistiram? Um pouco da história de Avatar é baseada na história dos Lakota. Então, eu sempre tive esse interesse pelos índios norte-americanos desde o tempo da faculdade. Então, quando eu tive a oportunidade pra ir visitar a aldeia, rapaz, eu fiquei muito empolgado. E lá encontrei Adam Little Elk, que é o *medicin man*, o curandeiro, né, o xamã, os mais respeitados, que me convidou pra voltar. Quando ele soube que eu era missionário, que eu ia trabalhar no Brasil, ele disse: “Pois volte, venha visitar a gente” e tal. E aí iniciou um relacionamento que dura até hoje e que me levou a ser adotado por esta tribo, por este povo, com o nome de Oyate Oishakya Mani, que significa “caminha ajudando o povo”. Então essa experiência de religiosidade é muito marcante porque a cosmologia Lakota tem 12 mil anos. Eles têm tradições, rituais, crenças, uma cosmologia, conhecimentos astronômicos que são de um nível muito profundo. Eles têm uma síntese simbólica, mitológica, né, 10 mil anos antes da gente, porque a história da cultura judaico-cristã tem mais ou menos 4 mil anos, 2 mil anos antes de Cristo e 2 mil anos depois. Eles têm 12 mil. Então eles têm um relacionamento, inclusive com a natureza, que reestabelece essa questão, eles resumem com uma frase, é... “Mitakuye Oyasin...”, que significa “somos todos parentes, estamos todos relacionados”. Que é aquilo que a Física Quântica traz hoje, de uma certa forma, a questão que tá tudo interligado. Aquilo que você está fazendo tem um efeito que volta pra você em todos os sentidos, seja positivo ou negativo. Enfim, este contato foi muito, muito importante porque inclusive têm rituais e práticas espirituais e de cuidado que são muito empoderantes. Empoderantes, né, que se diz?

**Todos** – Empoderadoras.

**Rino** – Empoderadoras. São rituais que estimulam a força, a ousadia, a coragem, a resistência...

**Renan** – Padre, o senhor poderia só soletrar o nome do senhor lá na tribo?

**Rino** – O-y-a-t-e, Oyate, que significa povo. O-i-s-h-a-k-y-a, “caminha”. Mani. Oyate é povo, então é ajuda e caminha. Caminha ajudando o povo, é ao contrário na cultura lakota.

**Ester** – Padre, quando o senhor tava em Uganda, foi numa mesma época em que a Itália era uma das grandes traficantes de arma. Era uma das grandes, enfim, da indústria bélica. O senhor acreditava, pensava que o seu país era culpado pelo sofrimento do povo que o senhor tava atendendo?

**Rino** – É, como eu disse, na época dos movimentos estudantis, nós éramos muito críticos em relação às posições do nosso governo que, o governo italiano, que tinha posições ambíguas em relação a se mostrar como país generoso, porque fazia doações internacionais, mas por outro lado com essas doações penetrava no mercado dos outros para vender armas, né. Então naquela época, quando a gente encontrou os missionários combonianos, uma outra coisa importante da diferença com a Igreja Católica tradicional era uma revista na qual eles denunciavam estas ambiguidades. Então foi denunciado o Ministério da Justiça italiano, dos armamentos, porque estava exportando armas de forma indevida, entendeu? Isso é justo, depois eu vi as consequências das minas. Aquelas minas anti-homem que se usa, que fica espalhadas... Uma criança, quando pula nisso aí, acaba com a perna dela. É incrível, viu.

**João** – Padre, foram muitas populações, religiões e culturas diferentes. O senhor teve ou tem algum preconceito?

**Rino** – Rapaz, é o seguinte, eu tenho um pouco de dificuldade de diálogo com Testemunha de Jeová. Tem alguma testemunha de Jeová aqui?

**Todos** – Não.

**Rino** – Testemunhas de Jeová são realmente um pouco... São meio bitolados... Estão rindo porque vocês conhecem algum testemunha de Jeová? Porque eles estão convencidos da verdade deles... Eu me lembro que, quando eu era estudante, de vez em quando a testemunha de Jeová vinha em casa para colonizar. Aí, quando eu estava frequentando os grupos de formação bíblica, teológica, naquela época em que eu me aproximei (da Igreja), eu tinha aprendido algumas coisas sobre a palavra de Deus, então eu deixei entrar umas duas, três vezes. Aí eu fiquei contestando as coisas que eles

Durante a pré-entrevista, o Padre, já acostumado com entrevistas, mudou de posição para melhorar a luz para o fotógrafo.

tavam dizendo. Aí eu dei em uma certa altura um impasse que eles chamaram o coordenador da área pra conversar comigo pra tentar me convencer, né (risos). Aí você percebe que existe mesmo uma espécie de lavagem cerebral e isso me incomoda, porque não deixa a liberdade da pessoa escolher o seu canto. Mas, em geral, aqui no Brasil eu nunca tive problema de dialogar. Agora, me incomoda um certo tipo de religião que explora inclusive economicamente as pessoas, que está baseada na culpa, no inferno, naquela dimensão de escravizar as pessoas com medo, tá entendendo? Isso me incomoda, mas se a pessoa acha que é bom pra ela...

**Renan** – Nesses contatos, o senhor trouxe algumas (espiritualidades) pra sua identidade. Dessas religiões, qual dessas que o senhor trouxe? Tipo, o senhor é lakota e é também...

**Rino** – Bom, a espiritualidade Lakota é uma espiritualidade que praticamente é como se fosse propedêutica ao cristianismo, ou seja, ela já tem vários símbolos, várias dimensões que são muito parecidas com a dimensão cristã. Muda só o nome ou muda um pouco o contexto, mas é muito parecida. Ou seja, a base "amar ao próximo como a si mesmo". E, através dessa circularidade do amor entre você e o próximo, entre o próximo e você, você eleva uma amorosidade para a sua divindade. Então os Lakota são muito preocupados com o bem comum, com os frágeis, os excluídos, os idosos, as crianças... São muito comunitá-

os, tá entendendo? Então tem muitos valores, muitas dimensões da espiritualidade Lakota que eu me identifico, mas porque já fazem parte da nossa.

**Renan** – Você se diria um lakota-cristão ou um cristão-lakota?

**Rino** – Não, eu sou cristão, né. Eu nasci e vou morrer cristão. Isso ninguém pode tirar de mim. Agora, a espiritualidade Lakota me ajudou a fortalecer a consciência e a dimensão da prática religiosa encarnada na vida, não nas nuvens, entendeu? Com certeza é uma experiência de visão de mundo que em algumas coisas supera a visão cristã, porque, por exemplo, a relação do cristianismo com os animais é agora que está começando a mudar. É agora que se está começando a falar da... O Papa recentemente disse, declarou que também os animais têm alma, né. Até pouco tempo atrás, falar disso era considerado uma besteira, né, porque tem todo um discurso cultural que a gente come carne. Então, se tu come uma alma, você tem uma contradição entre as coisas. Mas quem se relaciona com os

---

**"Aquilo que você está fazendo tem um efeito que volta pra você em todos os sentidos, seja positivo ou negativo"**

---

Para preparar o material de produção da entrevista, a equipe de produção conversou com quatro amigos do Padre Rino: Sidney, Antônio Mourão, Natália Martins e Elizeu de Sousa.



Elizeu foi um dos entrevistados da primeira edição da Revista Entrevista, ao lado do Padre Passerini.

Natália Martins contou na pré-entrevista que, quando o Padre chegou ao Bom Jardim, as pessoas faziam fila para conseguir um abraço, pois diziam que seu abraço curava.

---

## “Eu nasci e vou morrer cristão. Isso ninguém pode tirar de mim. Agora, a espiritualidade Lakota me ajudou a fortalecer a consciência e a dimensão da prática religiosa encarnada na vida”

---

animais percebe que o animal tem uma personalidade, rapaz. Um cachorro é uma pessoa, um gato é uma pessoa. Tem as suas características, tem as suas peculiaridades, tem as suas dimensões individuais. Então quem não reconhece isso é porque não tem ainda a sensibilidade e o cristianismo está muito atrasado com isso. É uma questão de pontos de vista, agora não tira nada a minha fé ou o fato que, pra mim, é Cristo o centro da minha experiência religiosa. Mas Cristo, na minha formação, foi ensinado que já está presente na cultura onde você vai. Existem duas teorias missionológicas. Levar o cristianismo, evangelizar, que aí você pode levar a espada e a cruz — como fizeram aqui no Brasil, que mataram quase todo índio pra poder instalar o cristianismo e depois levaram as consequências da escravidão, né, porque trouxeram os escravos da África, tudo “em nome de Jesus” (diz ironicamente), até hoje o racismo — e a realidade que você é em comunhão com qualquer ser humano. Então não é porque você é cristão que você é perfeito. Você tem que se criticar, se observar. Que cristianismo é esse que exclui o outro porque é negro? Que cristianismo é esse que exclui o outro porque é índio? E isso é uma realidade ainda hoje.

**Eliane** – Vocês também respondem ao Vaticano. Você já sofreu alguma pressão por desenvolver o seu trabalho que mistura o lado espiritual...

**Rino** – Já...

**Eliane** – Teve alguma intervenção?

**Rino** – A minha resposta é ação. Quando o pessoal vem, a gente responde com uma outra ação, responde com uma outra coisa boa. Aí o pessoal fica sem ter o que dizer, né, porque dos frutos vocês vão reconhecendo, está escrito. Então os frutos falam mais claro: se tem frutos bons, tem que colher os frutos. Eu digo: “Ó, eu não sei o que você acha, mas veja o trabalho que nós estamos fazendo, veja aí se isso é ou não é”. Aí o pessoal fica calado porque é realidade, não é invenção, não é papo, é realidade. Aqui não tinha nada no Bom Jardim. Nós chegamos aqui, começamos a escutar as pessoas, construímos esta palhoça e a partir desta palhoça se iniciou um processo

de autopoiese comunitária que gerou a nossa abordagem, que se chama abordagem sistêmica-comunitária. Tem três pilares: autopoiese, a trofolaxe humana e a sintropia. Autopoiese é uma propriedade do tecido biológico de autogeração, autoprodução na perspectiva de uma homeostasia de um equilíbrio. Então a nossa teoria é de que, quando você cria as condições para que a pessoa possa aquecer a comunicação consigo mesmo em primeiro lugar — que é o diferencial, com os outros e com o transcendente —, o sistema que se cria já tem dentro de si, como sistema vivo, as soluções para evolução melhor daquele sistema. Existe uma perspectiva que é chamada de sintrópica, que é aquela eterna contraposição entre o bem e o mal, entre o positivo e o negativo, entre a desordem e a ordem, entre o caos e a harmonia, né. Que são simbolizados na lei da física pela entropia, que é a medida da desordem que está desde o *big bang* viajando à velocidade da luz no cosmo, e sempre cada fenômeno que acontece tem um lixo energético chamado de entropia. Todo mundo faz todo dia sua parte da entropia quando vai fazendo as necessidades corporais. Porque você come, se alimenta, isso é neguentrópico, porque você tem que respirar, tem que beber, tem que comer, pra se opor às tendências naturais da desordem do seu corpo. Porque o seu corpo está morrendo. Vocês estão conscientes disso, né, pessoal? Nós estamos morrendo. Nascemos, mas estamos morrendo. Gradualmente temos um processo que nos está levando à conclusão do ciclo vital. Então, existe algo que é entrópico, que é a medida da desordem. Em cada processo metabólico, nós deixamos um lixo energético. E a medida da entropia e do caos é oposta a tudo aquilo que não fazemos pra não morrer, ou seja, respirar, comer, beber, amar, tá entendendo? Então, nesta contraposição, existe uma terceira direção, que é a sintropia, que é a tendência do sistema vivo ao autoaperfeiçoamento. Então qual é a nossa visão teórica: é que na medida em que você proporciona um espaço onde a pessoa pode aquecer a trofolaxe... Trofolaxe é uma propriedade dos insetos. As formigas

Natália conhece o Padre Rino desde os oito anos de idade, quando acompanhava a avó nos festejos da igreja do Canindezinho.

se comunicam através de anteninhas, cupins... E como é que essas anteninhas dão a possibilidade de construir uma cidade? Que tem berço, que tem cemitério, que tem armazém, que tem ruas, que tem uma classe social, que tem definição de papéis, que tem uma rainha, que é alimentada... Como é que isso acontece? Através da trofolaxe. Então, se o formigueiro — através de anteninhas — consegue construir uma cidade, será que seres humanos não têm outras antenas que podem ser ativadas para construir algo que é melhor para o bem comum? E onde está escondida esta solução que pode emergir dentro do contexto que já está presente? Ou seja, onde existe uma solução, existe um problema. Onde existe um problema, existe uma solução. Então nós acreditamos na força intrínseca que está presente no ser humano e no ser comunitário. Nós aplicamos os princípios da abordagem sistêmica da família ao contexto comunitário e descobrimos que, se nós proporcionamos esse espaço de autoconhecimento, nós geramos espaço de autoaceitação, de elevação de autoestima, então fomentamos um processo de autorrealização. E se é comunitária, pode transformar o tecido social na realidade onde nós estamos vivendo. É isso que aconteceu com o Bom Jardim: tinha nada, agora tem o Movimento de Saúde Mental Comunitária, que é feito pela comunidade e que abrange 3 mil pessoas por mês, em média.

**Myke** – Padre, você praticamente acabou de dar uma aula e a gente sabe que você foi professor da UFC. Você sente falta?

**Rino** – Não, porque aumentou tanto o meu empenho. Eu estou viajando muito agora, nós estamos levando a nossa experiência... Por exemplo, quarta-feira eu estou indo para Boa Vista. Boa Vista tem uma comunidade comboniana e lá aumentou muito o suicídio entre os índios macuxi e yanomami e tem toda a problemática dos refugiados que estão vindo da Venezuela. Então eu estou indo lá uma semana a cada dois meses para articular ações em prol das necessidades que foram, digamos, notificadas. Então, por exemplo, quinta-feira eu darei uma palestra lá na UFRR, na Universidade Federal de Roraima. Aí na outra semana eu irei para João Pessoa, aí fazer um trabalho de cuidado-cuidador com uma equipe de uma outra comunidade comboniana. Depois irei pra Gramado, que tem o Congresso Mente Cérebro, e depois irei para Florianópolis para dar uma outra palestra sobre a abordagem sistêmica-comunitária. Ou seja, professor não pode fazer o que eu estou fazendo, entendeu? Você fica amarra-

do com os horários, fica amarrado com... E tem mais: eu tinha um contrato de 20 horas. E agora tem 40 horas exclusivo só, né?

**Robson** – Tem as três: 20 horas, 40 horas e 40 horas com exclusividade, dedicação exclusiva.

**Rino** – É, pra Medicina tinha só 40 horas exclusivo. Então eu também tinha ganho (sido aprovado em) concurso em Sobral e tal, mas aí preferi... Com os meus 60 anos, porque eu tenho 60 anos, viu? (risos). Com os meus 60 anos, eu achei que é melhor distribuir as coisas de forma menos amarrada, né. A universidade é estrutura, você não pode fazer o que eu estou fazendo agora.

**Myke** – Você falou de tantas viagens que vai fazer agora nesses próximos dias... De onde sai tanta energia?

**Rino** – Bom, da minha estrutura, que foi gerada por Deus, dos rituais que a gente participa, da oração, meditação, são com certeza... Mas a outra coisa é a fotossíntese emocional. Nós somos como as plantinhas: nós precisamos de um sol para ter uma fotossíntese, que traz a saúde, que traz a vitalidade. E pra mim isso é a fotossíntese do encontro, a fotossíntese do abraço, a fotossíntese do carinho, do afeto, né, que acontece entre as pessoas. Então eu sou um bicho comunitário, entendeu? Eu me sinto bem com as pessoas, me faz bem, tá entendendo? Então isso que me alimenta. E a consciência de que eu estou fazendo o bem, isso aqui também alimenta energia. Eu me esforço em fazer o bem, nem sempre consigo, mas me esforço, né.

**Ester** – Padre, e o senhor também falou que até hoje está trabalhando também com índios, vai pra Boa Vista e tudo mais. Mas a sua experiência no Equador com os Cayapas foi a sua primeira experiência direta numa comunidade indígena?

**Rino** – Foi. Porque a primeira indireta foi nos estudos do professor Massimini, que era, foi através de vídeo, de slides e tal,

---

**“Nós estamos morrendo. Nascemos, mas estamos morrendo. Gradualmente temos um processo que nos está levando à conclusão do ciclo vital”**

---

Quando a turma se reuniu para a foto final, Rino fez questão de que o fotógrafo também estivesse. Italo não entrou na foto da turma, mas David tirou uma foto de Italo junto à equipe de produção e ao Padre.

Italo fotografou as mais de duas horas de entrevista com poucas interrupções. Ao final dela, Robson brincou perguntando se ele não estava com dor nas costas.

Quando chegou em casa para conferir as fotos, Rafaela as transferiu para o computador e nenhuma abriu, constando que os arquivos estavam corrompidos. Por aproximadamente 15 minutos ela entrou em desespero até constatar que o problema estava no seu computador, e não nas fotos.

mas o primeiro contato mesmo direto com a cultura indígena foi lá no Equador. Mas aquele que marcou profundamente a minha vida, que me levou a esta síntese, inclusive teológica, é com os Índios Lakota Sul. Agora, nós trabalhamos aqui com os índios Pitaguary, em Maracanaú. Nós fizemos uma extensão da nossa Abordagem Sistêmica Comunitária na aldeia indígena. Levamos o projeto Sim à Vida, que é aquele de prevenção às drogas, levamos terapia comunitária, levamos a biodança, levamos os cursos profissionalizantes, o atendimento psiquiátrico, que até hoje eu colaboro com o Pajé Barbosa. Pajé Barbosa, quando tem algum surto, aí ele avalia se é uma emergência espiritual, se é só uma questão espiritual ou se tem um problema psiquiátrico. Aí, se for problema psiquiátrico, ele chama índio branco, que sou eu, e aí eu vou e dou algo. Aí a pessoa se acalma, mas dentro do contexto cultural.

**Ester** – E o senhor falou um pouco sobre a experiência com os Lakota. Mas por que que o senhor escolheu os Estados Unidos para ir estudar e fazer o seu mestrado em Teologia e Psiquiatria?

**Rino** – Porque eu tinha feito a experiência no Hospital Psiquiátrico em Cincinnati, no Ohio, e lá eu tinha tido acesso ao mundo da Psiquiatria. Então eu já tinha conexões, já tinha colegas, já tinha uma experiência, entendeu? Então eu me dei conta de que lá tinha mais possibilidade de estudar a Teologia e a Psiquiatria em conjunto. Porque se você... Lá, eu estudei na Universidade de Chicago e lá é um *cluster* (conjunto de instituições) que dá acesso a todas as universidades, ou seja, você faz o seu próprio programa. Você escolhe as disciplinas, você pode pegar disciplinas na Universidade de Chicago, você pode pegar na Universidade de Illinois... Dependendo dos cursos que você quer fazer, entendeu? Aí você faz a sua grade e apresenta ao coordenador, o coordenador aprova, aí você pode fazer estudos que na Europa não tem isso. E aqui eu não sabia, mas parece que não tem também, não. Então eu lá, eu tive uma oportunidade extraordinária de fazer o que eu queria fazer, estudar o que eu quis estudar e sobrou inclusive esta experiência com os Lakota, que eu não sabia que iria fazer e que realmente completou a minha vida.

**Ester** – É, e justamente foi durante o seu tempo lá nos Estados Unidos — foi numa disciplina, né, do mestrado — que o senhor conheceu os Lakota. Como é que essa conexão que você teve durante uma disciplina na universidade se tornou uma conexão que o senhor carrega até hoje?

**Rino** – Como eu expliquei, né, a disciplina previa uma semana de campo na aldeia. Então nós fomos lá, eu tive acesso aos rituais que eram previstos neste intercâmbio com os estudantes da universidade que tinha toda uma preparação, não era qualquer pessoa que era convidada para ir, não. Tinha toda uma preparação, porque era uma questão de respeito à cultura e tal e tal e tal e tal. Então, tendo este acesso, foi um encontro com o Adam, que depois me adotou, ou seja, ele que me chamou pra voltar, porque ele identificou em mim... Um dos sete rituais Lakota chama-se “adoção de um parente”, e a adoção de um parente acontece quando você perde um ente querido e você encontra na outra pessoa a energia que tem a ver com aquela pessoa que se foi. Então ele viu em mim alguma coisa que tinha a ver com o irmão dele, por isso que ele me propôs de voltar. Só que ele não me disse isso logo, ele me voltou, você passa por inúmeros testes sem saber, ou seja, antes de alguma forma me integrar, eles querem saber realmente se você está indo sem segundas intenções, entendeu? Porque têm pessoas que vão porque querem estudar, querem roubar cultura, querem roubar espiritualidade. Então eles ficam de olho porque eles já sabem desse genocídio cultural. Então, depois de várias vezes que eu fui lá, me propuseram a adoção, e eu disse: “Rapaz, eu estou aqui”. Então o Adam veio aqui já três vezes. (Pergunta a Renan, mestrando que está pesquisando o Movimento Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim:) Tu conheceu o Wopila? Nem o Adam? Tu viu o Wopila, meu sobrinho, na última vez que ele veio? Depois o meu sobrinho, que é o filho dele (do Adam), já veio aqui também três vezes, e aí fortalece a conexão e a ponte com a espiritualidade Pitaguary. E nos meus estudos eu descobri que existe um historiador cearense, Pompeu Sobrinho (1880-1967; engenheiro e membro da Academia Cearense de Letras), quem em 47 estudou os sistemas familiares dos índios tupi-guarani e descobriu que existe uma conexão entre o sistema familiar tupi-guarani e os índios lakota. Então existe uma coisa memética, que faz parte da memória cultural dos povos do sul do mundo, né, da América do Sul, com a América do Norte, que já estão interligados. E quando meu irmão veio aqui pela primeira vez, ele de vez em quando encontrava pessoas e dizia: “Rapaz, parece minha tia, parece meu sobrinho, parece...”. Ou seja, existe também uma questão somática que interliga as duas dimensões.

**Ester** – E o nome indígena, como que ele foi dado e por que deram esse nome pro

Antes de a entrevista começar, o Padre Rino mudou de lugar algumas vezes à procura de um canto que não estivesse muito exposto ao sol.



A mãe de Rino deixou a Itália há alguns anos e mora com o filho no Bom Jardim. A equipe de produção pretendia conversar com ela, mas a ideia não foi para a frente por ela não falar português muito bem.

senhor?

**Rino** – Foi dado pelo irmão lakota...

**Ester** – (interrompendo) Mas como que é a escolha do nome, como que eles escolhem?

**Rino** – Eles que escolhem. Eles te dão o nome. Tu viu o filme Danças com Lobos (Dances with Wolves, de 1990)?

**Ester** – Não...

**Rino** – Alguém assistiu ao filme Danças com Lobos?

**Renan** – Sim, mas é bem antigo...

**Rino** – Com Kevin Costner, ninguém assistiu? É um filme belíssimo e conta a história de um militar do exército norte americano que vai como pioneiro no limite do faroeste e encontra os índios (Sioux - Lakota), e ele se integra com a tribo e recebe um nome indígena, que é exatamente "Dança com os lobos", que eles viram ele dançar com um lobo e deram esse nome. E aí evidentemente o meu irmão, quando veio aqui, viu que eu caminhava ajudando o povo, me deu esse nome: "Caminha ajudando o povo".

**João** – Padre, o senhor é muito querido por onde o senhor chega. Eu queria saber se o senhor já pensou, já pensaram por você, em participar de política, por exemplo?

**Rino** – Eu não vou entrar nessa. Já recebi propostas e tudo, mas não vou entrar nessa porque, quando você entra na política, você entra em um contexto de separação. Nós somos apartidários. Nós temos clara a nossa opção política, que é a opção pelos mais pobres, abandonados e excluídos. En-

tão toda participação política que inclui, que fortalece, que ajuda é bem-vinda. Independentemente da bandeira. Agora isso daqui é muito difícil de compreender em determinados níveis políticos, ou seja, se você é amigo de fulano, você é amigo de sicrano. Nós não vamos entrar nessa, entendeu. Não me interessa mesmo, eu gosto do que eu faço. Gosto do meu trabalho.

**Kamyla** – Padre Rino, quais as dificuldades que o senhor encontra em trabalhar com a saúde mental?

**Rino** – Rapaz, quando eu comecei, 22 anos atrás, quando nós criamos esta palhoça, esse trabalho era considerado sem sentido. (Diziam:) "Terapia é negócio de doido, a moda é zen, new age, tá entendendo". Já está presente o estigma em relação à questão da Psiquiatria. Explico o porquê: antropologicamente, a questão da Psiquiatria, até biblicamente, era considerada uma dimensão espiritual de possessão maligna. Então, quando existe um problema psiquiátrico ainda hoje... Ontem mesmo, uma moça pulou de um telhado para o outro, sendo que ela participava da umbanda, estava achando que um orixá que pegou ela... Rapaz, isso daí... Um comprimido de meia hora, ela já estava em outra dimensão, ou seja, o delírio psicótico é um fenômeno que pode estar presente. Ou em uma emergência espiritual, existem várias práticas que podem levar a percepções extrassensoriais, em todas as culturas. Tem um texto do (filósofo francês Michel) Foucault que é a her-

O pai de Rino amava muito o Brasil e tinha o costume de gritar VIVA ITÁLIA, VIVA BRASIL!

Antes de vir morar no Bom Jardim, o pai, Mário Bonvini, já viajava para a comunidade em todas as férias e sabia o nome de todos do Movimento.

menêutica do sujeito, que faz um estudo de todas as práticas que, no mundo helênico, cristão e grego, foram usadas para adquirir esses estados alterados de consciência. Então, quando você entra em estado alterado de consciência, você pode ter experiências místicas, pode ter visões, pode ter alucinações. Agora, como é que você codifica se isso faz parte da espiritualidade ou faz parte da loucura? Depende do contexto, depende da situação. Então existe ainda um estigma muito grande em relação às pessoas que têm problema de saúde mental. Um medo. E vários são levados a lugares para serem exorcizados, para “expulsar os demônios”, até hoje. Primeiro tem essa questão do estigma. Segundo tem a questão que saúde mental é uma dimensão que não é, às vezes, quantitativa, mas é qualitativa, então você trabalha com ferramentas e instrumentos que até então eram considerados coisas sem sentido. Agora, agora, depois de 20 anos o SUS (Sistema Único de Saúde) integrou 20 práticas de cuidados PICS\*. Vocês já ouviram falar das PICS? Que integra práticas que

nós usamos aqui há 20 anos, como a terapia comunitária, a biodança, o aconselhamento familiar, o reiki, entre outros, florais, acupuntura, todas essas práticas de cuidado que até então eram consideradas besteiras. Agora o SUS tá integrando. Por quê? Porque se deu conta que faz bem às pessoas. Então tudo o que faz bem ao outro é importante, (mesmo quando) não tem uma evidência científica que justifica o que está acontecendo. Então as dificuldades foram grandes pela questão do preconceito em relação a tudo que é saúde mental, porque tem uma questão antropológica que se interliga com a questão da possessão, e a questão da eficiência ou eficácia de práticas de saúde mental complementares e integrativas, que aí vem a crítica à Biomedicina, que diz que só aquilo que é evidência tem um valor. Evidência científica, que depois sabemos que os artigos científicos todo ano podem ser retratados dependendo do contexto. Tem várias críticas sobre artigos científicos que são específicos e as meta-análises mais recentes mostram que aquilo que era verdade



Quando Mário faleceu, a comunidade lhe prestou homenagem na palhoça. Natália contou que “não cabia de tanta gente”.

\*Práticas Integrativas Complementares

ontem pode não ser mais hoje. Então é tudo relativo, mas o que fica é o bem-estar da pessoa, o que fica é a emergência sintrópica de novas soluções, de novos caminhos. Pessoas que queriam se matar, que voltam a viver, que voltam a estudar, que voltam a trabalhar, que voltam a ter uma vida comunitária, uma vida familiar integrada, e se preocupa com o bem do próximo, porque têm pessoas que fazem esse círculo: entra como usuário, faz o círculo para receber, vários vão embora, mas alguns voltam para ajudar.

**Renan** – Sobre isso daí, Padre, ainda através da dissertação do Elizeu, ele fala só timidamente de alguns conflitos que houve não só com a igreja tradicional, mas com o próprio pessoal das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) parece... O próprio pessoal do movimento que estava aqui com o senhor no início teve uma certa desavença a partir dessa coisa da...

**Rino** – (interrompendo) A questão é, depois da caída do muro de Berlim (de 1961 a 1991, o muro separou a cidade de Berlim em duas, dividindo fisicamente os governos ocidental e oriental na Alemanha e simbolizando para o mundo a separação entre capitalismo e socialismo durante a Guerra Fria), ficaram duas tendências. Uma ainda achando que o muro de Berlim estava em pé, então tem que ter alguém contra, temos que ter uma luta contra alguém. Temos que estar sempre contra, a luta contra. E as outras pessoas, que, depois que o muro caiu, começaram a trabalhar para a integração das diferenças, para o diálogo com as diferenças. Então nós podemos ter um ponto de vista diferente, ideológico, político, religioso, mas nada nos impede de ter um objetivo comum em contribuir para o bem comum, de pontos de vista diferentes. Sem ter uma separação que é cartesiana, que é só lógica e matemática, entre uma coisa, entre uma outra. A Física Quântica hoje nos traz a superação do princípio do terceiro excluído aristotélico, que diz que ou é A, ou é B, A não pode ser B. Rapaz, a Física Quântica diz que a luz é corpúsculo e onda. Pode ser, dependendo do ponto de vista, as duas. Aí você, se está em uma realidade, você influencia a realidade a partir do seu ponto de vista. Você pode ver a luz como onda e eu posso ver como ponto, mas é importante que iluminamos o ambiente onde estamos e ajudamos outras pessoas a fazer algo dentro dessa transformação. Então a desavença foi porque essas pessoas nostálgicas, nostálgicas de algo que não existia mais, de uma luta político-social, de uma revolução que passou pelas armas, que hoje é irreal-

izável, aí ficavam achando que a terapia era uma maneira para diminuir a carga emocional que é necessária alimentar para que se possa transformar a revolução. Você tem que gerar raiva para que as pessoas que se viram rebeldes vão pegando as armas. Isso aqui tinha sentido nos anos 60. Eu já passei por isso, eu já vi depois onde as pessoas iam. Iam se emboscar nas multinacionais procurando um canto para si. É a mesma coisa que aconteceu aqui, aqueles que estavam aqui, fazendo crítica 20 anos atrás, todos estão em determinados lugares de poder, ganhando dinheiro no bolso e fazendo parte de coisas que não estão (trazendo) transformando nenhuma.

**Rafaela** – Padre, o senhor contou que veio para o Brasil pela primeira vez em 1993. Foi quando o senhor ainda morava nos Estados Unidos, veio para participar de um congresso. Foi amor à primeira vista?

**Rino** – Foi (risos dos alunos). Foi, foi, foi. O Rio de Janeiro é uma cidade extraordinária, eu... Na verdade eu antes já tinha interesse, né. Quando estava em Chicago, eu morava com quatro estudantes brasileiros e dois portugueses, então eu fazia questão de “como é que se diz isso (em português)?”. “Garfo”. “Como é que se diz isso?”. “Colher”. “Como se...”. “Prato”. Quer dizer, já tinha essa admiração pela Igreja Católica brasileira, porque os bispos brasileiros, como Casaldáliga, Hélder Câmara, Dom Aluísio Lochaidier, Arns, Evaristo Ans, eram bispos que falaram claro quando tinha Ditadura (Militar, de 1964 a 1984), que tomaram posições, que foram ousados, que mandaram dizer as coisas como era para dizer, e não tiveram nada de medo de dizer como era justo, dizer como igreja. Apesar de ter outros bispos e cardiais que apoiaram as ditaduras. Hoje nós temos o Papa Francisco, que, graças a Deus, veio para dizer o que nós falamos 22 anos atrás. Porque os dois papas antes, com todo respeito, nunca entenderam nada sobre a realidade da América Latina. Agora ele sendo argentino, que ele entende a realidade da América Latina, está trazendo essa visão teológica, pastoral, que integra aquilo em que nós acreditamos, que é a inclusão dos pobres, dos últimos, dos excluídos, dentro de uma realidade de bem comum, onde todo mundo possa ter vida, vida em abundância. Não só as elites e não só os poderosos.

**Ester** – E como foi esse primeiro contato com o doutor Adalberto Barreto no congresso?

**Rino** – Foi no congresso, casualmente. Eu tinha uma palestra, eu fui participar de várias palestras, essa era a palestra na per-

Há uma rua na comunidade do Pantanal, nas proximidades do Bom Jardim, cujo nome é Rino Bonvini.

O movimento nunca lança um projeto diferente sem antes ouvir a comunidade.

Natália já viajou com Rino para a Amazônia, os Estados Unidos e a Bolívia e conta que, por todos os lugares que ele passa, ele emana uma energia fora do comum, por isso o define como “um ser de luz muito especial”.

## “Hoje nós temos o Papa Francisco, que, graças a Deus, veio para dizer o que nós (já) falamos 22 anos atrás”



iferia de Fortaleza, terapia comunitária. “Terapia comunitária? Quê que é isso?” Aí eu fui atrás. E lá encontrei ele, e depois eu aplaudi, né, fui lá, “professor e tal”, que eu falava inglês, né, mas não falava muito português. Aí a gente se entendeu, que ele falava um pouquinho de italiano, que ele estudou na Itália também. E aí ele me convidou logo para visitar (o projeto Comunidade 4 Varas) em Fortaleza. Aí eu disse: “Rapaz, eu vou”. Aí a gente trocou telefone e tudo, e aí eu vim. Depois em vim para cá. Aí fui para 4 Varas, participei da terapia comunitária, conheci o Airton, o irmão dele, e aí eu disse: “Rapaz, é aqui que eu quero vir”. Na casa onde eu moro, onde vocês foram na outra vez (durante a pré-entrevista), aquela é a casa pastoral dos missionários combonianos, e lá morava o Padre Renato e o Padre Marcos. Padre Renato estudou também nos Estados Unidos, então ele já tinha abertura para entender o que eu queria fazer. Então ele disse: “É isso mesmo, nós precisamos aqui, venham, ótimo!”. Ele fazia parte do conselho provincial, e já ficou esse acordo, que eu iria terminar os estudos para voltar para cá. E foi, né.

**Ester** – E quando o senhor terminou os estudos antes de vir aqui para o Brasil, o senhor contou que passou um tempo em um retiro espiritual. Como que foi esse período e como que isso ajudou na sua vinda para cá?

**Rino** – Seguinte, eu terminei (a formação em Teologia) mais rápido, então tive mais tempo, porque normalmente era para terminar em quatro anos. Aí eu tinha vários

créditos acumulados em vários cursos, que eu gostava de participar em várias coisas. Então eu terminei os estudos que eram necessários para a ordenação um ano antes. Nesse tempo, eu voltei para a Itália. O término dos três anos, e aí neste ano eu fiquei na Itália e, antes da ordenação, eu passei um mês nas Montanhas de Assis, que é no Subásio, Monte Subásio, onde tem o ermo de São Francisco, e (...) a pessoa pode passar um tempo sozinha. Então eu passei um mês lá sozinho. Voltando a contar formigas como eu fazia quando era criança, contar pássaros... E na Bíblia têm várias cenas desses profetas que, quando eles se encontram com a natureza, ficam descrevendo os fenômenos da natureza. E aí eu descia uma vez por semana para participar da missa e para comprar os alimentos. Aquele mês foi realmente fundamental para eu ter certeza que era isso mesmo que eu queria. Tirei esse tempo para pensar mesmo. “Vou, não vou, será se é?”.

**Angélica** – E como foi o período de adaptação quando chegou ao Brasil?

**Rino** – Bom, eu fui um mês para Brasília, para aprender a língua, no (...) curso para missionários que vêm pro Brasil. Passei um mês em Brasília, fiz um curso, tive intensivo e depois vim para cá. Aqui tinha o Renato, que era o meu amigo, ele me ajudou na inserção, no contexto. Naquela época, nós éramos responsáveis pela área pastoral, então tinha muita celebração porque tinha batizado, casamento, funeral, missas, festejos, era muito tempo dedicado à área

Quando perguntada sobre como é a relação de Rino com a comunidade, Natália diz que “até hoje várias pessoas passam no Movimento só para dar um abraço nele porque até o abraço é diferente”.

pastoral. Por isso que o projeto era entregar — que já estava tudo pronto — aos diocesanos, para nós ficarmos livres para fazermos o nosso trabalho específico, que o nosso trabalho é mais social que pastoral tradicional. Pastoral tradicional já tem o diocesano que é criado para isso, nós somos de abrir novas coisas.

**Angélica** – E como foi que a comunidade te recebeu?

**Rino** – Uma parte da comunidade, como eu estava explicando, que era sensibilizada dentro de uma visão política que vinha de uma história, achou que isso era besteira. Uma outra parte da comunidade, que já estava passando por problemas pessoais de saúde mental ou alguém da família que tinha problema de saúde mental, viu isso como uma oportunidade para evoluir. Então um grupo de liderança — que fazia parte das lideranças das 20 comunidades da área pastoral aqui do Bom Jardim, que os missionários combonianos tinham formado ao longo dos anos — tinha vários líderes que operavam dentro dessa pastoral de comunidades. Então aqui já tinha uma estrutura, o terreno era fértil, já tinha sido trabalhado pelos meus colegas. Quando eu botei a sementinha da terapia, aí surgiu interesse, pessoas, encontrei o núcleo. Depois do primeiro, ano nós fizemos a primeira formação (com) 30 líderes e abrimos oito centros como esse de escuta nas comunidades, onde uma vez por semana tinha uma seção de terapia comunitária. Iniciamos os primeiros grupos de autoestima, um projeto da Comunidade do Pantanal, que é a favela da favela que tem aqui atrás e que era realmente muito perigosa, com a qual nós começamos esse trabalho da autopoiese comunitária, atrofalaxe humana, desenvolvendo a questão da inteligência intrapessoal. Porque o diferencial da Abordagem Sistêmica Comunitária é o desenvolvimento da inteligência intrapessoal, que é necessária para desenvolver a interpessoal, que é necessária para desenvolver as outras inteligências. Porque nós somos testados só em três: lógica,



Elizeu conta que costuma se encontrar com Rino para comer buchada de bode e tomar vinho, mas mesmo nesses momentos o padre não desliga, “sempre focando na solução para os problemas do Bom Jardim”.

---

“Missionário é um bicho assim, estranho, porque ele se desenraíza de um canto e tem que se enraizar no outro”

---

O amigo Antônio Mourão avalia que o Padre mostra o ápice da sua personalidade natal quando está indignado, mas também na sua incrível paixão pela gastronomia de seu país. Rino é um grande amante dos vinhos e das massas.

Mário, pai de Rino, foi preso pelos alemães durante o período nazista. A caminho de um dos campos de concentração, ele conseguiu fugir se jogando do trem, vivendo como clandestino por meses e sendo ajudado por famílias que mantêm forte vínculo com seus familiares até hoje.

matemática e linguística. Não são consideradas as outras inteligências, como a intra, a interpessoal, a artística, a pictórica, sinestésica, a ecológica e a espiritual.

**Ester** – Quando eu conversei com o Mourão, ele falou que o senhor é uma pessoa muito família, e que aqui em Fortaleza ele acredita que o senhor escolheu a família dele para ser a sua família também...

**Rino** – (interrompendo) Verdade.

**Ester** – Para o senhor, também no seu trabalho aqui no Movimento, qual a importância desses laços que o senhor sempre cria?

**Rino** – É a rede na qual você se sustenta. Missionário é um bicho assim, estranho, porque ele se desenraiza de um canto e tem que se enraizar no outro. Quando você faz o desenraizamento de uma planta de um canto para outro, por um tempo a planta fica meio abalada porque tem que se enraizar de novo, tem que se interligar. Então eu tenho essa predisposição, essa abertura. Eu tenho uma profunda admiração pela cultura brasileira, pela realidade, por esta riqueza cultural, por essa juventude intelectual e memética. Nós temos um herança genética que passa através dos cromossomos que dá vida às diferenças somáticas e nós temos uma realidade memética, que é aquela cultural, é aquela síntese cultural que passa. E o povo brasileiro é um povo jovem. A Europa é caduca, está caducando, está morrendo. Já está no final da fase evolutiva, tem que renascer, por isso que estão chegando os migrantes, os refugiados, para misturar, para fazer uma coisa diferente. Aqui, isso aconteceu naturalmente, porque, pela invasão dos portugueses que se juntaram com os brasileiros naturais daqui, que eram os índios, e com a conexão com a cultura afro, essa miscigenação criou uma genética e uma memética nova. Então a sensação minha aqui é de vitalidade, de criatividade. Uma coisa dessas lá na Itália não teria sido possível, porque você teria encontrado barreiras ideológicas, barreiras estruturais, barreiras intelectuais muito maiores, de pessoas que acham que sabem já o que você quer fazer. Aqui não, aqui fluiu. Então minha adaptação, que foi... Inclusive o Elizeu... Tu conhece Elizeu (um dos entrevistados pela equipe de produção)? Ele que diz que eu sou cearense mais do que ele, às vezes.

**João** – Padre, o senhor tem hora livre?

**Rino** – Tenho, faço questão de ter. Por exemplo, eu, de vez em quando, eu tchum. Agora, por exemplo, estou indo para Boa Vista, e aí, nesse tempo que estarei lá em Boa Vista, tem um tempo também para mim. Para eu ler, descansar. Aqui fica mais difícil, mas eu faço questão de todo sábado

ter o nosso ritual Lakota, faço questão de participar da hidroginástica, das atividades. De vez em quando tchum, passo o dia fora, ou dois. Faço questão.

**Ester** – É, o Mourão também contou que vocês tem várias tradições. Quase todas as segundas vocês jantam juntos...

**Rino** – Exato. Na segunda-feira à noite, normalmente eu vou lá visitar o Mourão, que é um amigo, que é a pessoa com a qual eu encontrei uma referência para ter uma comparação, uma troca, uma partilha, para ver as coisas também a partir de um outro ponto de vista. Eu tenho uma grande confiança, ele também, então nós somos amigos e essa é uma tradição porque realmente faz bem, não é, ter um canto aonde você vai, cultiva uma amizade e tal... O Mourão é uma pessoa muito inteligente, uma pessoa muito culta, foi meu chefe do Departamento de Psiquiatria (da UFC), ele é nosso parceiro aqui, no Bom Jardim, desde 98, aonde começamos o projeto de extensão da faculdade. Eu casei todos os filhos dele, então somos amigos.

**Wanderson** – A gente tá num país, num estado, numa cidade e numa comunidade que a gente sabe que é muito violenta e onde, principalmente na juventude, se morre. O quão isso entristece o senhor, já que o senhor tem esse contato com a juventude?

**Rino** – Por exemplo, 15 dias atrás mataram uma criança, uma bala perdida, não sei se vocês ouviram falar disso. E um dia depois mataram uma mulher aqui, no Marrocos, onde nós temos um espaço desses e onde nós fazemos um trabalho com as crianças. Lá é a favela da favela, da favela. Onde mesmo moram os chefes das facções (do tráfico de drogas). E a facção do Marrocos é o Comando Vermelho (CV) e na outra comunidade é o GDE (Guardiões do Estado). Então existe um lugar que não pode se cruzar durante a noite. Depois que mataram essa criança, depois que mataram essa mulher, os nossos educadores ficaram com medo de ir lá. As crianças ficaram com medo. Aí a gente foi, ficou muito triste em sentir a dor das famílias, ver aquilo que tinha acontecido, mas também foi conversar com as pessoas. E aí eles têm de fato um espaço durante o dia, que é uma trégua, até 18 horas. Fomos ver e eu fui dizer: “Então nós podemos continuar com o projeto até as 18 horas?. E todo mundo disse: “Sim, pode”. Porque até 18 horas é uma trégua, depois das 18 horas ninguém sabe o que vai acontecer, porque começa o escuro. Mas até as 18 horas, o projeto termina às 17, e foi uma forma indireta de saber que os traf-

Depois da Segunda Guerra Mundial, seu pai saiu do campo e foi buscar um trabalho melhor na cidade de Milão. Passou a trabalhar com transportes enquanto a mãe cuidava dos filhos.

icantes aprovam o nosso trabalho. Porque alguns dos traficantes mandam os próprios filhos nos projetos. Então é óbvio que nós não vamos entrar em confronto com os traficantes, não temos armas, não temos os instrumentos, não é nossa função a repressão contra o tráfico, nós não somos habilitados para isso. Mas nós podemos trabalhar na prevenção que essas crianças entrem nesse trabalho. Uma vez que nós sentimos a dor do povo, a tristeza, mas também vamos trazendo uma oportunidade para que essa tristeza se transforme.

**Wanderson** – E o senhor se sente realizado com o que faz?

**Rino** – Eu gosto muito, ó. Eu sou psiquiatra, eu tenho consultório. Três tardes por semana, onde eu ganho o meu dinheiro para eu ser autônomo, independente e poder trabalhar de graça aqui. Então eu gosto muito do meu trabalho como terapeuta, psiquiatra e gosto muito do trabalho que estou fazendo no Movimento.

**Wanderson** – E qual é o futuro?

**Rino** – Rapaz, futuro eu pretendo ficar aqui, né. Até quando a saúde, que Deus me concede, eu gostaria de ficar aqui. Já tentaram me enviar para a Itália, mas eu não fui. O padre geral que é da Etiópia, ele veio visitar o projeto e disse: “Rapaz, isso aqui tem que continuar, isso aqui tem que se expandir”. Aí fui reassinado ao Brasil, então acho que vou morrer com as minhas botas aqui.

**Ester** – E o futuro do Movimento? Como que o senhor vê o futuro do Movimento? Projetos...

**Rino** – Nós acabamos de fazer um planejamento estratégico de sete anos. O futuro do Movimento é ir para a África, é levar a nossa tecnologia social, que é a Abordagem Sistêmica Comunitária, que foi reconhecida em 2009 pelo Banco do Brasil como tecnologia social e recentemente pela Mental Health Innovation Network, foi reconhecida como inovação de saúde mental, então pretendemos levar essa inovação para a África porque acreditamos que essa dívida que o Brasil tem com a África pode ser de alguma forma retribuída com algo bom que eu vou levar para eles. Eles vieram para cá, deram a vida, a morte de milhões de africanos, então vamos levar alguma sementinha de vida para eles.

**Ester** – E com tudo isso, o senhor sente falta da Itália, sente saudades?

**Rino** – Bom, sinto falta de muitas coisas boas da Itália. A Itália é linda, a Itália tem comidas extraordinárias que aqui não se encontra... Tem obviamente as minhas raízes, os meus amigos, mas eu estou muito bem aqui. E agora que os meus pais vieram aqui, que meus pais vieram, três anos atrás, aqui,

depois de um ano meu pai ficou doente de chikungunya, ano passado faleceu, então, os últimos três anos eu parei um pouco. Engordei um pouco também (risos), porque fiquei parado cuidando dos meus pais. Agora tem só minha mãe, minha mãe está bem agora. Depois do luto, ela se recompôs, está melhor. Agora estou tendo mais tempo livre para mim...

**Kamyla** – Padre, como foi essa decisão de trazer eles para cá?

**Rino** – Eles na verdade sempre vinham todo ano, passavam mês, 30, 40 dias... Nos últimos anos, envelhecendo, começaram a passar seis meses, oito meses, um ano. E aí, depois desse ano, eles vieram para cá e ficaram. Porque lá na Itália tem a minha irmã, e ela trabalha. Então eles moram num apartamento, no quarto andar. Praticamente eram sozinhos. A maior parte do tempo meu pai saía para comprar as coisas, quer dizer, eram coisas bem pontuais. A vida social deles era muito reduzida. Aqui, na nossa casa, João sabe, é um ponto de mar. Todo dia tem pessoas que vêm e que vai. Tem eventos, tem celebrações, tem uma vitalidade que contagiou. O meu pai tinha uma blusa Itália-Brasil. Tu se lembra da blusinha dele com as duas bandeiras, com a questão “viva Itália, viva Brasil, viva Pitaguary”, quando ele fazia a bênção do almoço. Por isso que eles vieram para cá.

**Kamyla** – Padre Rino, no início da entrevista o senhor falou um pouco da relação com o seu pai. E com a sua mãe, como é até hoje a sua relação com ela?

**Rino** – Minha mãe é uma pessoa... Uma mestra desde a infância. Observando o comportamento dela, a generosidade da escuta, sempre aberta para ajudar o próximo. Ela me ensinou muita coisa, me ensinou a cozinhar, eu fiquei olhando ela. Eu aprendi com a minha mãe a costurar os botões e a ser independente em várias coisas. Obviamente existe o amor de mãe e filho, filho-mãe, que é muito intenso, e é uma fonte de alegria para mim, né. Quando eu acordo de manhã, eu vou lá, fico próximo dela, fico fazendo brincadeiras, fico dando carinho, alegria. Uma vez por semana a gente leva para um restaurante. Quando ela está bem levamos para Guaramiranga. Então para mim é uma bênção. Foi uma bênção porque eu saí de casa muito cedo, então passei anos e anos fora. Para mim foi uma bênção acolhê-los e cuidá-los com todo carinho e amor possível e ter tido essa oportunidade para passar o último tempo com ele, agora com ela né. É muito lindo, é uma forma de retribuir o que eu recebi. Que eu recebi muito deles, muito.

Em Fortaleza, de 2001 a 2016, Rino também trabalhou como docente da UFC na área de Psiquiatria.

Rino não tem retornado à Itália com frequência desde que seus pais vieram morar com ele em Fortaleza.